

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	2
1.1. PRESSUPOSTOS TEOLÓGICOS	3
1.2. NARRATIVA	4
2 - O LIVRO DE GÊNESIS EM NARRATIVAS	5
3 - A HOMILÉTICA NARRATIVA	6
3.1. PREGANDO AS NARRATIVAS.....	6
3.2. PORQUE HOMILÉTICA NARRATIVA?.....	7
3.3. PROCESSO HOMILÉTICO	8
3.4. DEFININDO O OBJETIVO	10
3.5. PROCESSO AVALIATÓRIO	11
3.6. APLICABILIDADE.....	12
4 - HOMILÉTICA NARRATIVA EXEMPLIFICADA	14
4.1. ÉXODO 3.1-15	14
4.2. PRINCÍPIOS TEOLÓGICOS DA NARRATIVA.....	15
4.3. RECONTAGEM DA NARRATIVA	16
4.4. OBJETIVO DE CONTAR A NARRATIVA.....	19
4.5. OUTRA RECONTAGEM DA NARRATIVA	19
4.6. EXEMPLOS DE HOMILÉTICA NARRATIVA.....	21
4.7. A CRIAÇÃO DO HOMEM (GÊNESIS 2.4B-3.24)	21
4.8. DESCONFIANÇA NA PROVISÃO DE DEUS (GÊNESIS 2.4B-3.24)	21
4.9. O PERDÃO DIFÍCIL (GÊNESIS 4.1-24)	23
4.10. A ESPERA DE ABRAÃO (GÊNESIS 12.1-2, 15.1-6, 16.1-5)	24
4.11. O GRANDE SACRIFÍCIO (GÊNESIS 22.1-19)	25
4.12. COMPROMISSO DA ALIANÇA (ÉXODO 19.3-8)	26
4.13. "TINHAM CARROS DE FERRO" (JOSUÉ 17.16-18, 23.1-16 E JUÍZES 1.19).....	27
4.14. A ESPADA DE GIDEÃO (JUÍZES 6.1-7.25).....	29
4.15. CONFIANDO NA ACEITAÇÃO DE DEUS (RUTE).....	31
4.16. FÉ VERDADEIRA NA TERRA DE BAAL (1 ^a REIS 16.29-18.46).....	32
4.17. "ABRA OS SEUS OLHOS!" (2 ^a REIS 6.8-23).....	33
4.18. O ADVERSÁRIO DO JUSTO (JÓ).....	35
4.19. CRIATURAS DO ALTÍSSIMO (SALMO 8.1-9)	36
4.20. OUÇA O GAÚCHO! (ISAÍAS 6.8-10 E 46.8-13)	37
4.21. A MISSÃO DOS LAVRADORES (ÉXODO 19.3-8/MATEUS 21.33-46)	39
4.22. "QUE QUERES QUE EU TE FAÇA?" (MARCOS 10.35-52).....	40
4.23. A PÁSCOA DA TRAIÇÃO (MARCOS 14-16).....	41
4.24. COMPARTILHANDO ESPERANÇA (1 ^a PEDRO).....	43

1 - INTRODUÇÃO

Procura-se ajudar o aluno a ter uma compreensão mais completa sobre os meios mais apropriados para a interpretação teológica da Bíblia, com o propósito de compartilhar as apreciações teológicas com outros. Para isso, procura-se primeiramente expor o aluno a certas orientações hermenêuticas através do resumo de pesquisas referentes às narrativas do livro de Gênesis, incluindo certas dúvidas, polémicas e questionamentos, que têm sido levantadas por pesquisadores, através dos séculos até os dias atuais. Nem sempre essas linhas de pensamento serão de benefício pessoal para o aluno compreender o texto à mão. Às vezes, temas serão levantados apenas para lembrar ao aluno que se precisa manter uma mente aberta e um olhar cuidadoso para as várias possibilidades de interpretação textual, e assim aproximar-se da interpretação mais adequada de uma passagem. Quando há muitas dúvidas sobre um determinado assunto, isto implica que o aluno deve ter ainda mais cautela para chegar a uma decisão interpretativa final.

Após a etapa inicial do estudo do texto em padrões históricos, procura-se lidar com o texto em unidades narrativas como textos íntegros. Olhando para a narrativa individual como um todo, pretende-se indagar pela sua função teológica como unidade e no quadro maior do livro de Gênesis.

Intercalado com comentários sobre as narrativas individuais, encontra-se comentários mais gerais sobre informações que ajudarão a fornecer melhor base interpretativa para o Antigo Testamento como um todo. Estes comentários e orientações hermenêuticas se encontram intercaladas para mais rapidamente enxergar o seu relacionamento com as narrativas a serem estudadas, como também para criar melhores pontes entre esta teoria hermenêutica e a prática de interpretar o texto bíblico.

No seu estudo do texto, o aluno deve estar pronto para questionar e avaliar o que lhe tem sido transmitido referente aos textos estudados, averiguando a verdadeira mensagem bíblica. O que deve vir a ser questionado não é o texto bíblico, mas as conclusões recebidas referentes ao texto. O texto bíblico deve servir como a base essencial para o estudo teológico, e não as interpretações tradicionais do mesmo, incluindo as propostas incluídas neste documento. Isto não quer dizer que toda interpretação recebida deve ser ignorada, mas ao aluno cabe pelo menos questionar se as suas tradições interpretativas fazem jus ao texto. Caso contrário, as tradições interpretativas serviriam de autoridade—o que não se deve deixar acontecer. A autoridade é a Palavra de Deus, supremamente expressa na Bíblia³.

Não se espera que o aluno adote toda posição sugerida neste estudo teológico das narrativas. O próprio autor também encontra-se em processo de estudar e aprender mais sobre as narrativas, sempre avaliando os seus próprios posicionamentos sobre os assuntos tratados. À medida em que o autor continua a estudar, melhor comprehende as narrativas e as suas lições teológicas. O que se espera do aluno é que seja introduzido a um diálogo crítico com o texto bíblico. O presente trabalho tem como proposta incentivar e facilitar esse diálogo.

A essência da educação teológica cristã (ou seja, discipulado), segundo a compreensão do autor, não visa tanto efetivar a transmissão de um conteúdo em si, mas a transformação da vida do aluno a uma dependência completa em Deus. Logo, a proposta e oração do autor é de que o aluno se encontre face a face com Deus no percurso deste estudo, para que Ele transforme os devidos aspectos de sua vida, criando para si uma nova criatura, um discípulo mais fiel e útil nas mãos do Criador.

Lembra-se ao aluno que ninguém chega ao texto bíblico com uma mente vazia, pois todos já ouviram algo referente ao texto bíblico e têm certas interpretações preconcebidas referente àquilo que encontrarão no texto bíblico. Como já se tem certos conceitos formados referente ao texto, é proveitoso saber definir quais são estas pressuposições do aluno. Identificando e definindo-os, pode-se com mais facilidade diferenciar entre aquilo que provém do texto bíblico e o que provém de outra fonte.

1.1. Pressupostos Teológicos

É essencial em todo esforço interpretativo bíblico estabelecer o ponto de partida do intérprete. Todo intérprete começa o seu estudo com certas premissas básicas e logo trabalha em cima das mesmas. É norma infeliz, porém, ignorar o ponto de partida, em parte por questão da dificuldade em descrever o mesmo. Como estes pressupostos informarão o processo deste estudo e certamente ajudarão a moldar os seus resultados finais, será de grande valia fazer o esforço para delimitar quais são. Uma mudanças nos pressupostos pode modificar em muito o destino final do estudo. É possível que a maior dificuldade do intérprete seja reconhecer que há pressupostos que passam despercebidos aos seus olhos. A seguir estão alguns dos pressupostos com os quais se trabalhará:

1. O autor pressupõe que o enfoque bíblico é por natureza teológico e que a Bíblia deve ser lida dentro deste enfoque.
2. O texto bíblico é a fonte de autoridade para a fé e a prática (princípio essencial dos batistas).
3. Um texto deve ser lido dentro do seu próprio contexto, procurando sua mensagem contextual.
4. Somente depois de tratar o que um dado texto diz por si mesmo, deve-se comparar sua mensagem com a de outro texto.
5. O pano de fundo veterotestamentário deve ser visto como fundamental à compreensão do Novo Testamento, secundário em importância quanto alterações colocadas por Jesus.
6. Um texto de difícil compreensão não deve receber o peso teológico dado a um texto claro.
7. Em alguns casos, a interpretação exata do texto bíblico não ficará clara, mesmo com muito estudo detalhado.
8. O uso de comentários, dicionários e outros livros é de ajuda no estudo de uma passagem, porém deve sempre tomar lugar secundário no estudo do texto bíblico por si mesmo.
9. O tipo literário de uma passagem implica na sua interpretação apropriada.
10. Quando se encontra um texto que aparentemente não apóia um conceito teológico, o texto está sendo mal-interpretado, ou o conceito teológico deve ser reformulado até que esteja conforme com a mensagem bíblica.
11. A teologia é um estudo sempre em andamento, pois o homem é finito e não pode chegar a um ponto de compreender plenamente o infinito.
12. O texto bíblico apresenta a Deus muito mais através do que Deus faz, do que por meio de descrições abstratas e proposicionais.
13. Não se deve separar teologia do conceito de revelação, pois é somente pela auto-revelação de Deus que se pode conhecer a Deus.
14. Não se deve forçar um conceito neotestamentário sobre um texto qualquer que não apresenta o mesmo ensino.
15. Não se deve forçar um texto bíblico dentro de um molde teológico.
16. É importante lembrar que as traduções atuais da Bíblia estão, em geral, baseados em tradições das traduções primitivas de homens bem intencionados, mas que estavam apenas começando a estudar a Bíblia e, portanto, deve-se sempre que possível recorrer às línguas originais.
17. A fé é o aceitar um compromisso de confiar em Deus, mesmo quando não se conhece plenamente todo aspecto das exigências do compromisso, nem de antemão as respostas aos questionamentos teológicos.

18. As perguntas essenciais a serem feitas ao texto bíblico são “Quem é Deus?”, “Quem sou eu?” e “O que Deus quer comigo?”.

1.2. Narrativa

Neste documento será usado o termo “narrativa”, porém não pretende ser um uso técnico. O emprego do termo é feito no sentido de diferenciar a narrativa do conceito de história científica, ou seja, historiografia. Em lugar de história, encontra-se aqui “tradições preservadas nas liturgias … [cujo propósito] foi o de confessar e assim incentivar a fé em Deus”. Em lugar de intencionar a escrita da história de Israel, o Antigo Testamento “dá testemunho da obra de Deus em estabelecer a nação. … [Logo], cada evento apresentado pelos escritores bíblicos é usado com um propósito teológico”.

Por história, entende-se em geral um ramo de estudos científicos que procura, a partir de comprovação documentária ou arqueológica do período, determinar com precisão a veracidade e os detalhes de eventos ocorridos no passado, apontando para causas, efeitos e resultados a longo prazo dos eventos estudados. A preocupação deste estudo, porém, é de lidar com as narrativas bíblicas dentro das intenções dos próprios autores que procuram narrar a ação de Deus. Para eles, as questões de relatar história são apenas de interesse secundário. Em consequência, neste estudo trabalhar-se-á com aquilo que as narrativas ensinam a respeito de Deus (Teologia: palavras/estudos sobre Deus), e não a respeito de eventos passados.

Deus se revelou através dos eventos de sua interação com o povo ao longo da história. É expressamente esta interação que as narrativas procuram ressaltar. Grande parte da Bíblia, em especial Gênesis e a primeira parte de Êxodo, utiliza a narrativa de forma quase ininterrupta para comunicar a sua mensagem. Para os escritores bíblicos, o essencial era articular os eventos revelacionais entre YHWH (hwhy) e o seu povo, não definir conceitos teológicos categóricos ou proposicionais. Teria sido quase impossível que Deus se revelasse em termos do seu caráter moral através de proclamações proposicionais oferecidas num único momento histórico. O homem não teria compreendido, nem aceito tal proclamação proposicional. Deus procurou revelar-se pouco a pouco, mostrando o seu caráter através dos seus feitos singulares na história. É essa revelação do caráter ético e moral de Deus que vem a ser o interesse teológico central das narrativas.

Assim, usando o termo “Narrativa” aqui, trata-se de algo diferente de história nos moldes do historiador moderno. Isto não quer dizer que as narrativas não têm a ver com história, pois certamente “narra um evento real que ocorreu uma vez por todas no mundo da história. Deve, então, ser tomado de forma séria … deve ser ‘crido’”. As narrativas, porém, são mais precisamente narrativas teológicas, pois o seu enfoque é sempre Deus e o que Ele está revelando de si ao homem. Mesmo que o autor de uma passagem narre um evento histórico, o seu interesse é na situação do ouvinte original, não da época relatada.

Por outro lado, utiliza-se o termo narrativa para fazer distinção das chamadas “historinhas” ou “contos de fadas”. As narrativas bíblicas não são histórias neste sentido, mesmo que parábolas e outros gêneros literários parecidos são incluídos no texto bíblico. Existem trechos que podem ter sido escritos no estilo “conto de fadas”—especialmente a introdução e a conclusão do livro de Jó—mas isso não reduziria as passagens a ser um conto de fadas. Tais trechos teriam sido escritos no estilo mais apropriado para levar adiante um propósito teológico de peso real, num sentido semelhante ao caso do pregador que conta uma piada para ilustrar um ponto do sermão.

Respeito ao contexto e estilo literário é essencial na apreciação da mensagem da Bíblia. “Na pregação e no ensino responsável da Palavra de Deus, não se pode lançar uma Operação Tapa Buracos, pois faltará fundamento sólido. Não é lícito tampouco saquear nem a Bíblia nem livros sobre ela para extrair itens fracamente relacionados para um proveito rápido”. Até se deveria ler as passagens dentro do contexto do livro completo no qual se encontra, pois cada passagem serve para apoiar um ou mais temas do próprio livro no sentido de montar um posicionamento ou tratamento como um todo. Por causa disso, ressalta-se a importância de ler todo o livro bíblico em questão, e logo tratar passagens individuais em unidades narrativas, pois elas já compreendem em si vínculos contextuais

claros e ajudam o intérprete a concentrar sua investigação do texto dentro de limites mais facilmente reconhecidos.

Não se propõe aqui enfatizar versículos e frases, mas tratar as narrativas como unidades. Haverá necessidade de se destacar certas frases que geram dúvidas interpretativas para clarificar o sentido do texto. No entanto, é no processo de ler a narrativa como um todo que se chega a uma melhor compreensão de sua mensagem teológica. As palavras, as frases e os versículos que compõem as narrativas são pequenas partes do todo e podem muito bem desviar a atenção do aluno do assunto da narrativa completa. Procura-se aqui evitar estes desvios, mesmo que dando certa atenção às dificuldades mais polêmicas ou incertas.

A interpretação e mensagem de uma narrativa em sua íntegra é geralmente mais fácil de acertar do que a interpretação de versículos e frases isoladas, mesmo respeitando os seus contextos apropriados. Ao estudar uma narrativa individual como uma unidade, pode-se portanto chegar a definições mais concretas e seguras do que com porções menores de texto. Não se pode ignorar que a narrativa como um todo ainda exige estudo do intérprete, mas em certos aspectos a sua interpretação é mais fácil e pode ser mais consistente.

2 - O LIVRO DE GÊNESIS EM NARRATIVAS

"Gênesis não é um livro independente que pode ser interpretado isoladamente. Pelo contrário, ... [faz parte de] uma imensa narrativa conjunta". Para os judeus, o nome usado para referir-se ao Pentateuco é Torá. Muitas vezes refere-se a esta palavra no sentido de lei. Torá, porém, "contém especialmente a noção de direção ou instrução". Este fato deve servir de alerta para o aluno bíblico de que as narrativas compõem instruções de como viver, e não se constituem de material jurídico. Esta instrução toma a forma de narrativas que revelam como Deus interage com a humanidade, dando orientação de quem é YHWH (hwhy) e como viver um relacionamento com o mesmo.

As narrativas do Pentateuco devem ser vistas como tendo um desenvolvimento central. Alguns intérpretes como von Rad desenvolvem este conceito pela linha do enredo geral. Tal intérprete explica o enredo, mas não faz justiça à importância teológica das narrativas. Optaríamos por uma definição mais teológica nos termos de "Deus criou um contexto mundial no qual o ser humano pudesse vir a um relacionamento de confiança em Deus como Criador. A desconfiança humana quebrou esse relacionamento, com resultados desastrosos por toda a volta. Deus continuou a chamar o ser humano a um relacionamento de confiança e fidelidade comprovada, mesmo que o ser humano fosse infiel. No seu tratar com um povo de sua escolha, Deus se revelou como o Criador fiel, digno da confiança da humanidade. Cada geração deve refletir na fidelidade que Deus há mostrado e confiar suas vidas a Deus em fidelidade igual".

Neste estudo, pretende-se dar enfoque aos princípios teológicos apresentados através das narrativas do livro de Gênesis. Para isto se fará uma relação das várias lições teológicas encontradas em cada narrativa. É importante salientar que cada narrativa tem propósitos que vão além da simples narração de relatos históricos. As narrativas falam do que Deus estava fazendo ou prestes a fazer entre o seu povo, mesmo que em contraste com o pecado humano. Elas ensinam a respeito de Deus, e portanto deve-se procurar os princípios teológicos nelas contidos.

As anotações seguintes refletem o pensamento atual do autor referente às narrativas em estudo. Tal pensamento está sendo modificado ao passo que se continua lendo e estudando as narrativas em questão. Recomenda-se ao aluno que se lembre sempre que o livro texto para seu estudo é principalmente o próprio texto bíblico. Esta apostila deve ser vista apenas como um guia para o estudo do próprio aluno. O interesse do autor é de ajudar o aluno para apreciar a riqueza teológica das narrativas, para que ele mesmo possa encontrar-se face a face com YHWH, o ator principal das narrativas. Espera-se que este

trabalho possa ser útil para chamar o aluno a confrontar-se com as narrativas bíblicas e assim confrontar-se com o Deus das mesmas narrativas.

Um grande problema a ser enfrentado no estudo das narrativas é o simples fato de que elas já são conhecidas. Na sociedade e no contexto brasileiro que mantém a Bíblia num lugar privilegiado de respeito, pelo menos alguma coisa das narrativas a serem estudadas é conhecida desde tenra idade. “Precisamente porque Gênesis teve tanta influência, o seu significado é mais fixo: a leitura está firmada; todos já conhecem o que contém e estão menos inclinados a desenvolverem uma nova perspectiva.... Geralmente há menos prontidão para ler estes textos como novos”. O esforço e propósito de estudá-los, então, será para “descobrir novamente aquilo que é distintivo a respeito das narrativas da Bíblia”.

O esforço será difícil, pois o texto chega para o Português já com muita bagagem de tradição histórica, mesmo certas noções desta bagagem inseridas na própria tradução do texto. Isto torna necessário lidar com certas terminologias específicas em vários textos para que se possa ouvi-los como se pela primeira vez. “Os primeiros onze capítulos de Gênesis constam entre os mais importantes na Escritura. Estão entre os mais conhecidos (num sentido estereotípico), e são os mais freqüentemente malcompreendidos”. Esta perspectiva de que já se conhece o texto implica numa incompreensão, por impossibilitar o distanciamento da narrativa, para que se leia o texto como se pela primeira vez. É complicado ainda mais pelo fato do aluno muitas vezes não entender o tipo literário (o tipo de fala) sugerido pela narrativa. Como já fora mencionado, as narrativas não são história no sentido comum hoje, nem relatam verdades conforme padrões científicos atuais. Têm por objetivo revelar a Deus.

3 - A HOMILÉTICA NARRATIVA

3.1. Pregando as Narrativas

Não há como separar o estudo da homilética narrativa do estudo teológico e exegético das narrativas a serem pregadas. Para pregar a mensagem de um texto, é indispensável o estudo do texto sobre o qual se pregará. Por esta razão nesta obra dá-se ênfase prioritária à mensagem teológica da narrativa a ser tratada, observando os princípios teológicos expressos pela narrativa. Somente depois deste estudo é possível tratar um texto devidamente sob a forma de pregação. Tem sido observado que a maioria dos pastores no Brasil não têm hábito de fazer exposição bíblica nas suas mensagens, porém é através desta exposição que o ouvinte chega a ser realmente alimentado pela Palavra de Deus.

Homilética refere-se à pregação da Palavra de Deus. É interessante lembrar, porém, que o termo em si tem um significado mais específico. O termo vem ao português dos termos gregos homo (omo—“igual”) e lego (legw – “dizer”). Esse conjunto de termos, então, designa a arte e ciência de dizer a mesma coisa que o texto⁵⁶⁶. O pregador deve interpretar o texto, porém, o enfoque devido é o de transmitir ao ouvinte aqueles princípios inerentes ao próprio texto bíblico. Em nenhuma hipótese deve-se preparar um sermão e depois procurar um texto sobre o qual pendurar o sermão elaborado. O sermão deve depender forçosamente do texto escolhido de tal forma a não ser possível fazer uma separação entre texto e sermão.

Este texto utilizará o termo masculino pregador, porém entende-se que a tarefa de pregar não se limita ao sexo masculino. Pregar é transmitir a verdade bíblica, seja a mensagem de Deus. Esta tarefa é dada para todo crente, sem respeitar o sexo. Pregar é ser porta voz de Deus, para o qual não há distinção entre homem e mulher. Pregar também não se limita à tarefa pastoral, já que a Bíblia ensina que todos devem agir para compartilhar as boas novas de salvação em testemunho. Mesmo que se aproveite do termo masculino, portanto, deve-se entender que a aplicação é genérica, incluindo a todo crente.

Tem sido observado que a homilética fiel e verdadeira “compreende ... o uso correto do conteúdo bíblico, princípios hemerêuticos, perspectivas teológicas, orientação psicológica, regras retóricas, e princípios oratórios”. Neste trabalho será dada

ênfase sobre os aspectos teológicos e bíblicos da pregação, oferecendo ao mesmo tempo algumas regras básicas da retórica e oratória. Já que o conceito de homilética tem por base o “falar o mesmo” que o texto, oferece-se uma forma para ajudar o discípulo a interpretar o texto bíblico à mão para este fim específico: dizer ao ouvinte o que o próprio texto diz numa linguagem em que possa ser compreendida.

Muitos falam a respeito de várias interpretações de um texto bíblico. Para ser sincero, existem muitas formas de interpretar um dado texto bíblico, porém apenas uma dessas interpretações será válida! Um texto tem o significado que foi intencionado pelo autor. Este é o seu significado, e o processo de interpretar o texto bíblico tem como primeiro objetivo entender este mesmo significado. Outras “interpretações” são simplesmente erros interpretativos, mesmo que bem intencionados. Por outro lado existe inúmeras aplicações apropriadas para um texto corretamente interpretado. O sentido do texto é único, mas aplica-se ao indivíduo dentro do seu contexto diário específico, possivelmente de muitas maneiras.

Dito isto, deve-se ter cuidado na forma de tratar o texto bíblico, lembrando a tendência humana para falhas interpretativas, e fincar a mensagem a ser pregada nas questões claras do texto bíblico. Não é recomendável pregar sobre uma passagem de difícil interpretação, pois há muitos textos cujas mensagens são claras, e as mensagens claras são geralmente as mais importantes a serem transmitidas. É impossível sobre-enfatizar a importância do estudo detalhado do texto bíblico para a homilética, pois nenhuma tarefa tem tão grande potencial de culpabilidade quanto a de pregar a palavra de Deus. Assim o pregador deve tomar a sério o preparo de sua mensagem e o estudo do texto bíblico a ser tratado. Este estudo deve compreender o ensino teológico do texto, pois “a pregação e a teologia são tão vitais uma à outra quanto o inalar é o exalar”.

Conseqüentemente, com o estudo feito das narrativas bíblicas até este ponto, é necessário ressaltar o que se tem aprendido referente a Deus até Gênesis capítulo onze. Estas narrativas são importantes no que revelam a respeito de Deus, sendo essa revelação elemento essencial de sua inspiração. Para ressaltar esta aprendizagem, é bom trazer certas questões, perguntas, dúvidas e críticas do cotidiano ao texto, para que as narrativas iluminem a verdade referente aos temas do dia. O propósito do estudo das narrativas é que o aluno possa utilizá-los em recontagem, “para ensinar, para repreender, para corrigir, e para instruir em justiça”.

Por homilética, entende-se o processo de transmitir a verdade bíblica de forma verbal—em especial, compartilhar a experiência do pregador com Deus. Em geral, pensa-se em um sermão do púlpito no templo de alguma igreja, porém o sentido do termo homilética é bem mais amplo. O enfoque que se tomará aqui é de uma homilética informal, que pode também ser aplicada dentro de um contexto formal. Na realidade, é a mesma coisa transmitir a mensagem bíblica do púlpito de uma igreja, a um colega de trabalho ou a um companheiro no ônibus. O que diverge é o tempo da exposição, a formalidade da ocasião e as limitações para obter-se um diálogo.

3.2. Porque Homilética Narrativa?

Qual é a razão para enfatizar a homilética narrativa? Obviamente ela é apenas um estilo de homilética, porém oferece vários pontos fortes a serem considerados. O contar de histórias é uma das formas mais fáceis de comunicar, se não a mais fácil. É também dentro deste padrão que a maior parte da Bíblia desenvolve os seus temas. O ensino aplicado através de histórias (narrativas) é lembrado com mais facilidade pelo ouvinte, pois a narrativa fornece uma armação própria do ensino. A narrativa compõe a memória, incentivando o ouvinte a reviver a narrativa na sua própria reflexão.

“O poder da narrativa reside em sua habilidade para imitar a vida, para evocar um mundo parecido como o nosso, para reproduzir eventos e situações semi-reais, para recriar pessoas que podemos compreender e a quem podemos nos relacionar”⁵⁷⁴. A narrativa evoca o ressurgimento do evento descrito, tal que o ouvinte possa participar de forma vicária do evento original através das palavras do narrador.

Por outro lado, o sermão em estilo da narrativa enfatiza o próprio texto bíblico e consequentemente chama o ouvinte a ler e estudar o texto por si mesmo. A narrativa também oferece autoridade para o sermão, pois quando as lições são extraídas da narrativa, é a própria narrativa que ensina, não o pregador. Comunica-se assim o que a Palavra de Deus ensina, não o que o pregador pensa e transmite.

Por outro ângulo, a narrativa é geralmente mais gostosa de se ouvir, pois o ouvir e contar histórias é uma das diversões mais naturais do ser humano. As crianças gostam de ouvir histórias e os adultos também. A narrativa é por natureza ilustrativa e convoca o ouvinte para prestar atenção e criar imagens para dar corpo ao narrado. Quando o ouvinte participa de tal modo da pregação, ele retém melhor o ensino e tem condições para repassar a outros os princípios teológicos apresentados.

A pregação narrativa tem como centro o texto bíblico. Quando se trata apenas deste texto, o pregador evita “caçar lebre” e mantém-se direcionado a tratar o texto dentro do objetivo definido a partir do estudo textual e a situação dos ouvintes. A pregação começa com o texto, trata o texto e conclui chamando o ouvinte a viver o ensino do texto bíblico. Com essa limitação do pregador tratar apenas o texto bíblico, vem ao sermão a autoridade do próprio texto bíblico sendo tratado. A autoridade do texto passa-se ao sermão, pois o sermão depende de um vínculo claro com o texto bíblico e tem a mesma mensagem a transmitir. Assim, não será ouvido aquilo que tal pregador pensa, mas aquilo que a Palavra de Deus tem a dizer.

“Quando o Livro é bem lido e feito viver para o povo, pode fazer por eles aquilo que sermões freqüentemente falham em fazer: pode ser a mera voz de Deus para as suas almas”. Essa é a intenção deste estudo—ajudar o cristão a comunicar a narrativa bíblica de tal forma que o ouvinte ouça a voz de Deus e venha a encontrar-se com o Senhor dos Senhores. Que o ouvinte possa ouvir a palavra de Deus perante a exposição de sua palavra.

Observação. Outros estilos homiléticos podem bem apresentar uma mensagem bíblica clara e ter todo apoio e fundamento bíblico. O que se procura salientar, porém, é que o estilo de homilética narrativa demonstra mais facilmente a autoridade textual e bíblica da mensagem. Mantendo-se centrado no texto bíblico e no desencadear da narrativa em questão, o ouvinte não tem opção, senão enxergar o vínculo da mensagem com o texto tratado.

3.3. Processo Homilético

O primeiro passo da homilética é o estudo detalhado do texto bíblico. No caso da homilética narrativa, concerne o estudo da narrativa bíblica em questão. Sem este estudo, não há o que proclamar. Se o texto bíblico é o que será pregado, é necessário estudar com cuidado o texto. Negligenciando esta etapa, o pregador poderá apenas propor os seus próprios pensamentos, os quais podem ou não refletir a mensagem do texto. Deve-se estudar a narrativa como um todo, ao mesmo tempo minuciando os detalhes. Dentro do possível, recomenda-se também que o pregador estude como a narrativa trabalha em concerto com as outras narrativas ao seu redor. Sendo que as narrativas bíblicas encontram-se dentro de contextos maiores dos livros bíblicos, é salutar observar o efeito coletivo das narrativas individuais tratados por um autor bíblico.

O estudo da narrativa deve conduzir o aluno a conseguir visualizar a narrativa. O aluno deve poder visualizar a narrativa, passo a passo em ordem, sem perder os pontos salientes nos quais se penduram o significado e a mensagem do texto⁵⁷⁶. Quando o aluno consegue internalizar a narrativa para que seja a sua própria, então pode prosseguir a outros passos da preparação da homilética.

Feito o estudo cuidadoso da narrativa, o segundo passo é definir o objetivo da mensagem, ou seja, o propósito de pregar o texto a ser tratado. Pode soar um tanto estranho a colocação de um objetivo a tratar, porém como tem sido mostrado, as narrativas podem ser aplicadas ao ensino de múltiplos atributos de Deus. A definição do objetivo deve coincidir com uma necessidade entre os ouvintes da mensagem. Não é suficiente simplesmente recontar uma narrativa bíblica. A recontagem deve ter um propósito

definido, como também o narrador bíblico teve um propósito em recontá-lo aos seus ouvintes. As narrativas encontram-se dentro de um contexto no qual cada uma tem a sua função para desenvolver os seus propósitos. Como o sermão também deve ter um objetivo, a recontagem da narrativa já deve começar a responder às dúvidas, colocações, ou necessidades a serem tratadas.

Certo artista plástico foi perguntado como ele fazia a figura de um elefante a partir de um bloco de pedra. A resposta dele foi certamente simplista, mas direto ao ponto. "Simplesmente tiro tudo aquilo que não parece um elefante". Ele mantinha sempre em sua mente o objetivo final. Mantendo aquele alvo sempre na sua frente, somente deixava permanecer no bloco de pedra aquilo que o levasse a atingir o seu alvo. Assim também, um objetivo bem especificado para um sermão fornece uma regra para avaliar cada detalhe do estudo textual a ser ou não incluído no sermão. Somente aquilo que ajuda a levar adiante o objetivo para o sermão deve ser incluído na recontagem da narrativa, nas reflexões sobre as implicações de vida dos personagens, e na aplicação da mensagem às vidas dos ouvintes. Estudando o texto, portanto, logo se chega a definir um propósito ou objetivo em pregar o texto à mão. Este objetivo deve retratar algo das necessidades dos ouvintes da mensagem.

Escolhido o enfoque (objetivo) a ser tratado, começa o terceiro passo na homilética narrativa— recontar a narrativa, dando destaque aos princípios teológicos a serem enfatizados. Se a pergunta essencial a ser respondida tem a ver com o poder de Deus, a recontagem deve enfatizar as ações divinas que ilustram este aspecto de sua natureza. Se a reclamação é de que Deus é distante, a ênfase deve recair sobre como o homem se distancia de Deus e como Deus o persegue para restaurar a comunhão perdida. Se a dúvida é sobre a bondade, misericórdia e graça de Deus, é nestes pontos que a contagem deve ter a sua ênfase. Em geral, são vários princípios teológicos apresentados numa dada narrativa que correspondem em conjunto para responder adequadamente a uma crítica ou a uma pergunta específica.

O quarto passo da homilética narrativa é o de resumir e explicar os princípios teológicos apontados na recontagem. Aponta-se como a narrativa revela os aspectos da identidade de Deus, que foram assinalados como importantes a serem ressaltados. Neste ponto, é válido apontar ao ouvinte outras narrativas que apóiam o ensino apresentado, se for necessário afirmar a centralidade bíblica do assunto. Deve-se cuidar de deixar, porém, que a narrativa primeiramente fale por si mesma, mantendo a sua posição central no sermão.

Em conclusão, as implicações destes princípios teológicos devem ser apontadas. Estas implicações podem ser apontados em forma de perguntas, as quais o ouvinte responde com a sua própria análise. Não é sempre necessário que o narrador faça a aplicação pelo ouvinte, mas que aponte para a aplicação apropriada. Se o ouvinte faz a sua própria aplicação, em geral terá mais efeito em sua vida, pois partiu de sua própria reflexão sobre as implicações da narrativa. Como outro autor tem colocado, "Uma boa história não requer uma interpretação, qualquer que seja a circunstância, o seu sentido já clarificado na sua contagem". Sendo bem contada a narrativa, a aplicação da mesma é um processo natural para o ouvinte.

Se Deus é Criador e Senhor, qual é a resposta adequada do ser humano? Se Deus é criador, dono, e originador da vida, o homem tem base para criticar suas ações? Se Deus é presente, companheiro, gracioso e acolhedor, quem é culpado quando o homem sente-se longe de Deus? Se Deus é estabelecedor de limites e alianças, misericordioso, amoroso e bondoso, pode o homem entendê-lo como arbitrário e vingativo? Se Deus é maior que o universo, além do controle humano, e soberano, o homem tem a possibilidade ou o direito de mandar em Deus? Se Deus é eterno e infinito, o homem tem condições de elaborar alguma forma ou algum sistema para defini-lo adequadamente?

Nesse processo homilético, procura-se apresentar a narrativa ao ouvinte de tal forma que a própria narrativa responda às suas preocupações. O estudo textual informa ao pregador a respeito das limitações do texto, bem como os princípios teológicos apresentados na narrativa em questão. Isto, porém, é o fundamento sobre o qual trabalhará para desenvolver sua homilética. Nesta, o pregador vai contar a narrativa,

ressaltando as implicações dos eventos para a vida dos personagens, apontando para a importância teológica do texto, e traçando as ligações entre o texto narrado e o contexto presente.

Por outro ângulo, pode-se alistar os passos no preparo do sermão da seguinte maneira:

1. Ler a narrativa.
2. Estudar a narrativa (investigar dúvidas, perguntas, vocabulário e alistar os princípios teológicos).
3. Ler a narrativa.
4. Meditar sobre a narrativa.
5. Ler a narrativa.
6. Recontar a narrativa em tuas próprias palavras (passar ao gauchesco, deixando de lado vocabulário “bíblico”, e verificando que realmente conheces a linha de eventos da narrativa).
7. Definir o objetivo específico para o sermão, elaborado em forma de pergunta para reflexão.
8. Recontar a narrativa dentro do objetivo especificado (tratando o objetivo desde a primeira frase da recontagem).
9. Refletir sobre as implicações do evento para os personagens da narrativa.
10. Aplicação (perguntas para puxar o ouvinte a refletir sobre as implicações para a sua própria vida, traçando vínculo com os personagens).
11. Avaliação/Reformulação (o sermão alcançou o objetivo?).
12. Pregar o sermão (elaborado nos passos 8, 9, 10).

Estes passos não devem ser vistos como estáticos, pois muitas vezes será necessário voltar a estudar alguns aspectos do texto bíblico quando dúvidas surgirem dentro de outra parte do processo. Recomenda-se que o pregador escreva o texto da recontagem, reflexão, e aplicação para que possa mais facilmente avaliar e criticar o seu trabalho. Um elemento essencial que foi deixado fora desta lista é a oração. Não foi ignorada por não ser importante, mas porque ela deve permear todo o processo, e não se encaixa nem antes e nem após os passos do processo— permeia a todos. O que deve também ficar claro nesta lista é que a ocupação do pregador é de transmitir a mensagem do texto bíblico, por isso a ênfase na leitura do texto a ser tratado.

A leitura repetida do texto bíblico é essencial, não para que a recontagem siga o pé da letra do texto, mas para manter a recontagem fiel ao sentido e conteúdo teológico do texto. Estando bem confortável com a narrativa, o narrador pode então empregar as suas próprias palavras para usar a narrativa na transmissão do objetivo especificado.

3.4. Definindo o Objetivo

Talvez o mais difícil da homilética narrativa é a definição de declaração do objetivo. Uma narrativa recontada sem um direcionamento específico não terá bom sucesso. Uma narrativa também pode ser direcionado, mas so o objetivo não for declarado de forma suficiente não atingirá tão facilmente o alvo.

Um objetivo deve ser definido em termos dos princípios teológicos percebidos no estudo do texto bíblico. Se o texto apresenta o amor de Deus, o objetivo pode ser comunicar que Deus ama o ouvinte. Se o texto apresenta fé em termos de confiança em Deus, o objetivo pode ser estimular o ouvinte a confiar em Deus. Pode também ser clarificar a definição de fé para evitar confusão com o simples aceitar conceitos e propostas teológicas.

O objetivo deve revelar aquilo que o pregador deseja realizar ao recontar a narrativa. "Eu quero que o ouvinte ..." é comumente uma "fórmula" apropriada para o próprio pregador definir, ou expressar para si mesmo o seu objetivo. Quando o objetivo for clarificado e definido, deve-se averiguar que realmente provém da narrativa em questão. Caso não, deve-se procurar outra narrativa ou definir outro objetivo que apoie o objetivo. Pode ser que o objetivo escolhido por alguém seja inválido. Deve-se, portanto, ter cuidado para estudar bem o texto bíblico ao definir o objetivo.

Já definido o objetivo de forma clara, deve-se procurar uma forma de expressá-lo como a frase introdutória à recontagem da narrativa. A fórmula acima é para o uso pessoal do pregador na clarificação do objetivo. Agora é necessário transmitir o objetivo de outra forma para o ouvinte. O ideal é usar uma pergunta de reflexão que inclui tanto o ouvinte como também o pregador como alvos do objetivo e pergunta de reflexão introdutória.

Uma boa frase introdutória resumirá a direção que a narrativa tomará, tal para preparar o ouvinte para ouvir a narrativa já pensando na aplicação. Abre-se uma reflexão sobre uma proposta, pedindo que o ouvinte reflita sobre como a narrativa apoia ou responde a pergunta sendo feita. Veja o exemplo a seguir:

Muitos passam momentos de angústia e até depressão. "Será que um servo fiel de Deus pode sentir-se deprimido?"

Em 1a Reis 18, encontramos uma narrativa do profeta Elias. Para o povo judeu, Elias era o maior de todos os profetas. Elias tinha enfrentado os 450 profetas de Baal no Monte Carmelo, mas logo depois ele fugiu de Israel, pois a rainha declarou que o mataria. Caminhou vários dias até chegar ao Monte Sinai, onde Deus havia estabelecido a aliança com o povo de Israel. Pedia que Deus o deixasse morrer, pois não via nenhuma saída e sentia que era o único justo e reto perante Deus. Deus enviou mensageiros cuidar de suas necessidades físicas e animá-lo a seguir seu caminho. Quando chegou e teve o esperado encontro com Deus, Deus o encorajou e enviou-lhe devolta para Israel. Disse-lhe que ainda havia 7.000 homens retos e justos em Israel. Deus animou e encorajou a Elias, sem criticá-lo por causa de sua depressão. Aceitou o desânimo e a depressão de Elias e o encorajou para seguir em frente dependendo não das emoções mas na provisão de Deus."

A frase introdutória leva o ouvinte a refletir sobre a temática, sem criar barreiras para a mensagem a ser transmitida. Direciona a reflexão para que o ouvinte atenda ao assunto durante a recontagem da narrativa. Agora falta uma conclusão nos moldes da introdução:

"Será que Deus não trata os seus servos hoje da mesma maneira? Será que Deus aceita que seus servos sofram desânimo e depressão sem criticá-los ou puni-los? Mesmo quando o desânimo vem por falta de confiar plenamente em Deus, será que

Deus se interessa em resgatar e animar o servo para seguir a frente? Será que mesmo um servo fiel pode sentir depressão e ainda ser usado por Deus? Será que em nossos momentos de angústia e desânimo podemos cobrar forças ao confiar na fidelidade de Deus, mesmo em meio às nossas incertezas?"

3.5. Processo Avaliatório

A preparação de um sermão nunca está completa—é necessário sempre avaliar e polir o sermão. Por isso o pregador deve procurar um equilíbrio entre a necessidade de sempre melhorar o sermão e a necessidade de pregá-lo. A responsabilidade do pregador é de estar preparado. Além dessa preparação entra a intervenção e a atuação do Espírito do Santo em utilizar o esforço humano e suprir as suas fraquezas. Deve haver confiança em Deus, como também lembrar que Deus exige que o servo desempenhe a sua responsabilidade de preparação.

Pelo lado humano, porém, existe a constante necessidade de avaliar e melhorar o sermão individual e a forma ou técnica geral do pregador. Para suprir esta responsabilidade, é sumamente necessário utilizar-se de um processo avaliatório. Sempre que possível, essa avaliação deve incluir o retorno de outras pessoas, porém

começa já com o próprio pregador. Essa avaliação deve ser feita mesmo antes da exposição do sermão, porém inclui também a avaliação após a exposição.

É normativa a crítica de que o pregador precisa viver aquilo que prega, pois se não for assim não terá autoridade para pregar. Esta questão é muitas vezes colocada como empecilho para o pregador em tocar algum tema. Tal colocação tem certo mérito, porém deve-se lembrar outra questão importante vinculada ao tema levantado. Nenhum pregador tem plena autoridade por viver o que prega, pois todo ser humano é pecador. Mais importante nesse contexto é a questão do pregador pregar aquilo que vive. Quando o pregador prega a partir de sua vivência, mesmo colocando a sua fraqueza e necessidade perante os ouvintes, gera-se a compreensão de que todos precisam ouvir a mensagem, especialmente sendo que o pregador se inclui na lista de ouvintes.

O pregador deve lembrar que todo sermão que pregar será avaliado. A decisão que lhe cabe é querer ou não saber dessa avaliação. Se souber, poderá aproveitar o retorno para melhorar no futuro. Recomenda-se que o pregador reúna-se com outros líderes da igreja que o ouvem pregar para receber deles uma avaliação. Se o pastor tiver tal prática com líderes de sua igreja, estará ao mesmo tempo capacitando leigos de sua congregação para cooperar na pregação da Palavra de Deus, seja do púlpito ou em eventos evangélicos. Esta reunião avaliatória deve ressaltar pontos positivos, como também negativos. Os positivos são gostosos de ouvir e às vezes ajudam o pregador a estar consciente da aplicabilidade de uma ou outra técnica. Os pontos negativos, porém, são de mais ajuda para melhorar o estilo, formato e apresentação para ocasiões futuras.

Oferece-se a seguir uma lista de questões a serem considerados no preparo, na entrega e na avaliação do sermão. Esta lista não é exaustiva, devendo ser vista como um ponto de partida para ajudar no processo avaliatório.

3.6. Aplicabilidade

- Coerente com o cotidiano dos ouvintes
- Resulta de forma natural da exposição bíblica
- Desafia sem pressionar
- Todo ouvinte se encontra precisando aplicar algo do sermão
- Há espaço para o ouvinte fazer sua própria aplicação

Bíblia:

- Central para toda a pregação
- Utilização de uma só passagem bíblica
- Fornece a base da mensagem
- Desenvolve o tema tratado no sermão
- O ouvinte é convocado à própria leitura do texto
- É mantida aberta durante toda a pregação

Clareza:

- Vocabulário claro
- Voz clara
- Objetivo claro
- Exposição clara
- Aplicação clara

Contato

- Olhar nos olhos dos ouvintes
- Toque físico quando apropriado
- Sair da plataforma
- Sair de trás do púlpito
- Obter participação dos ouvintes
- Ouvinte encontra-se na situação do texto

Direcionamento

- Toda a mensagem direcionada aos objetivos desde o início
- Direcionada a todos os ouvintes
- A mensagem inclui o próprio pregador como alvo

Estudo Textual

- Mensagem demonstra a preparação do pregador
- Não se usa o sermão para mostrar a erudição
- Apóia a mensagem e fornece base bíblica e teológica da mensagem
- Suficiente para dar confiança ao pregador e ouvinte

Gestos

- Naturais
- Não repetitivos
- Expressivos

Hábitos de Nervosismo

- Passar a mão no rosto
- Balançar os pés
- Mexer no bolso (moedas, dinheiro)

Ilustração/Música

- Ilustra e apóia o objetivo do texto e do sermão
- Não distrai o ouvinte da mensagem/texto
- Amplia o ensino do texto
- Oferece um “gancho” para lembrar o ensino
- Usada quando a narrativa não ilustra por si

Mensagem

- Aplicável à situação vivida dos ouvintes
- Demonstra vínculo com o texto bíblico
- Demonstra ser a mensagem de Deus, não do pregador
- Identifica-se com os ouvintes
- Reflete a vivência do pregador

Objetivo

- Expresso desde o início do sermão

- Desenvolvido através de todo o sermão
- Coerente com o texto bíblico tratado
- Desenvolvido no texto bíblico de forma natural
- Beneficia/Estimula os ouvintes
- Requer compromisso do crente
- Encoraja/estimula o não-crente a interessar-se no evangelho
- Desafia o ouvinte no seu relacionamento com Deus
- Limitado em número (ideal de um único objetivo)

Voz

- Audível por todos
- Variação de volume
- Variação de tom
- Variação de expressão

4 - HOMILÉTICA NARRATIVA EXEMPLIFICADA

Para explicar bem o que é homilética narrativa, é necessário fornecer exemplos da técnica, pois não é um estilo de pregação comumente usado no Brasil. Apresenta-se, portanto, um sermão como exemplo, apontando para cada passo de sua construção. Como já fora mencionado, cada sermão precisa de avaliação, e mesmo com avaliação rigorosa há sempre elementos que possam ser melhorados. O sermão que segue é fornecido como um modelo—não em sentido de ser exemplar e ideal em todo aspecto, mas simplesmente como um modelo.

4.1. Éxodo 3.1-15

(O texto a seguir está baseado na versão da Bíblia da Imprensa Bíblica Brasileira, de acordo com os melhores textos em grego e hebraico, sofrendo algumas modificações interpretativas do autor deste polígrafo)

Texto Bíblico.

Ora, Moisés estava apascentando o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Mídiã; e levou o rebanho para trás do deserto, e chegou a Horebe, o monte de Deus. E apareceu-lhe o mensageiro do Senhor em uma chama de fogo do meio duma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia; pelo que disse: Agora me virarei para lá e verei esta maravilha, e por que a sarça não se queima. E vendo o Senhor que ele se virara para ver, chamou-o do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés! Respondeu ele: Eis-me aqui. Prossseguiu Deus: Não te chegues para cá; tira os sapatos dos pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa. Disse mais: Eu sou o Deus do teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isáque, e o Deus de Jacó. E Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para Deus. Então disse o Senhor: Com efeito tenho visto a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheço os seus sofrimentos; E descii para arrancá-los da mão dos egípcios, e para o fazer subir daquela terra para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que mana leite e mel; para o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do perizeu, do heveu, e do jebuseu. E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel é vindo a mim; e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem. Agora, pois, vem e eu te enviarei a Faraó, para que tires do Egito o meu povo, os filhos de Israel. Então Moisés disse a Deus: Quem sou eu, para que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel?

Respondeu-lhe Deus: Pois bem, eu sou contigo; e isto te será por sinal de que eu te enviei: Quando houveres tirado do Egito o meu povo, servireis a Deus neste monte. Então disse Moisés a Deus: Suponha que eu for aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me perguntarem: Quem é ele? Que lhes direi? Respondeu Deus a Moisés: EU SOU QUEM EU SOU (QUE ESTOU SENDO). Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós. E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é o meu nome eternamente, e este é o meu memorial de geração em geração.

4.2. Princípios Teológicos da Narrativa

Com a escolha do texto bíblico a ser tratado, é imprescindível um estudo profundo do texto. Neste estudo pretende-se ampliar a compreensão do texto e das suas implicações. A narrativa de Éxodo 3.1-15 apresenta pelo menos os seguintes princípios teológicos:

Deus Abençoa; Deus Acolhe; Deus Adverte; Deus é Além do nosso controle; Deus Ama; Deus Aprecia; Deus Atende; Deus Atua; Deus é Autoridade; Deus é Beneficente; Deus é Benevolente; Deus é Bom; Deus Acompanha; Deus Comunica; Deus Conhece; Deus Controla; Deus Convoca a Compromisso; Deus Cria; Deus Cumpre; Deus é Decisivo; Deus Delega; Deus Desafia; Deus é Detalhista; Deus é Determinado; Deus é Digno de Louvor; Deus Discerne entre Bem e Mal; Deus Dá uma Segunda Chance; Deus Domina; Deus é Dono; Deus é Econômico; Deus Ensina; Deus Envia; Deus Estabelece Alianças; Deus Estabelece Limites; Deus Estimula; Deus é Ético; Deus Executa (Sua Vontade); Deus é Exigente; Deus é Fiel; Deus é Gracioso; Deus é Harmonioso; Deus Idealiza; Deus Imagina; Deus é Imutável em Propósitos; Deus é Incontestável; Deus é Indefinível; Deus Inova; Deus é Inteligente; Deus é Intencional/Propositual; Deus Interessa com a humanidade; Deus Julga; Deus é Justo; Deus Liberta; Deus é Maior que o universo; Deus é Misericordioso; Deus Observa; Deus é Ordeiro; Deus Ordena; Deus Organiza; Deus Ouve; Deus é Paciente; Deus Partipa; Deus Persegue; Deus Persiste; Deus Planeja; Deus é Poderoso; Deus Cuida; Deus é Presente; Deus Preserva; Deus Prevê; Deus Protege; Deus Provê; Deus Realiza; Deus Faz o Impossível; Deus Reconcilia; Deus Redimer; Deus Repreende; Deus Respeita a Escolha humana; Deus Restaura; Deus é Sábio; Deus é Santo; Deus é Seletivo; Deus é Senhor; Deus é Sensível; Deus Sentencia; Deus é Soberano; Deus Sofre; Deus Sustenta; Deus Trabalha; Deus é Único; Deus Utiliza Recursos; Deus é Visionário; Deus Vive; Deus Não é Aleatório/Arbitrário; Deus Não é Omissio; O Homem Desconfia; O Homem é Injusto; O Homem é Inseguro; O Homem é Limitado; O Homem Teme; O Homem é Necessitado; O Homem Oprime; O Homem Reclama; O Homem é Servo.

Os princípios teológicos listados acima têm base no texto bíblico, porém a percepção dos princípios depende do estudo cuidadoso do texto. Na recontagem da narrativa, deve-se apresentar apenas alguns desses princípios. A maioria desses princípios não serão tratados na recontagem e reflexão para dar a devida ênfase aos princípios que apóiam o direcionamento da recontagem. Às vezes princípios levantados são apenas mencionados de passagem, como o fato de Deus dar uma segunda chance a Moisés. Às vezes o princípio teológico é enfatizado de várias formas na recontagem, como o fato de Deus ser Senhor, convocador e exigente. O narrador precisa recontar a narrativa para conscientemente destacar os princípios teológicos a serem tratados. A contagem da narrativa deve ter um propósito, e este propósito deve aparecer através da própria contagem da narrativa, não apenas aparecer ao final. Na contagem a seguir, a ênfase será dada sobre tratar a questão de procurar emoções e experiências, em contraste com aceitar a convocação de Deus.

Após a recontagem da narrativa em si, o pregador extraí as lições que já havia escolhido para salientar na recontagem. O ouvinte é convocado para encontrar-se com os personagens da narrativa e logo a encontrar-se consigo mesmo dentro do próprio texto bíblico. Em geral, o enfoque do ensino textual é a revelação de que tal como Deus atuou com os personagens do texto, Deus também trabalha com o ouvinte da narrativa. O ouvinte participa da narrativa, porque o ouvinte encontra-se espelhado nas personagens do texto.

A recontagem a seguir parte de um processo de estudo do texto escolhido, no qual o autor vem lidando com certos aspectos do texto por anos, tendo pregado e ensinado do texto em múltiplas ocasiões em muitos contextos. Esta recontagem, porém responde certos assuntos (dentro dos parâmetros do texto) que estão gerando polêmica na atualidade desta exposição. Em outro contexto, a recontagem tomaria outro rumo para responder outras questões mais pertinentes. Pede-se ao aluno que ouça a recontagem no sentido de perceber qual a orientação do sermão revelado na própria recontagem, mesmo antes da parte da reflexão que segue a recontagem da narrativa em si.

Na parte final da recontagem e extração de lições, o enfoque é dado à aplicação pessoal. O posicionamento deste autor é de que em geral vale muito mais oferecer ao ouvinte as bases para fazer a sua aplicação, mas convocando-o a traçar para si mesmo a linha específica da aplicação. No pensamento do autor, quando o ouvinte é induzido a tomar uma posição frente ao texto, seu compromisso é maior do que quando o pregador exige dele uma certa atitude ou ação. Por este motivo, a conclusão é feita em perguntas que exigem respostas, mas respostas pessoais que exigem uma reflexão interior do ouvinte.

4.3. Recontagem da Narrativa

A Sarça de Moisés (Êxodo 3.1-15)

Será que Deus pode usar aquele que não se sente preparado?

Longe do Egito, longe do povo, e longe de Deus, Moisés andava ocupado com seu trabalho. Estava a seu encargo o rebanho de seu sogro, e andava procurando pastos nos quais apascentar o rebanho. Sua vida passada estava muito longe de sua realidade atual. Havia se esquecido do povo sofrendo opressão lá no Egito. Numa época passada havia tentado ser um libertador do seu povo, mas havia fracassado. Agora, anos depois daquele tempo no qual tentara remir o povo, encontrava-se seguro, fazendo o trabalho de um pastor de rebanhos, longe do alcance do Faraó que o queria matar. Em meio de sua comodidade, Deus vem ao seu encontro.

Moisés não estava procurando Deus. Não estava à procura de um meio de libertar o povo da escravidão no Egito. Não estava buscando uma experiência dramática com Deus. Estava seguro em sua fuga, trabalhando em sua comodidade, esquecendo-se do povo no cativeiro. Longe do povo e longe de Deus, o Libertador vem à sua procura.

Caminhando em seu trabalho, Moisés viu algo extraordinário que lhe chamou a atenção. Desviou-se de seu caminho para ver mais de perto. Ao acercar-se de um arbusto em chamas que não se queimava, ouviu a voz de Deus chamando-o pelo nome. "Moisés! Moisés!". Imagino que Moisés levou um susto! Quem o estaria chamando pelo nome aqui em pleno deserto? Percebendo que a situação era algo extraordinário, prestou atenção.

Moisés respondeu à voz que provinha das chamas, "Eis-me aqui". Ouvindo outra vez a voz que agora lhe dizia para não se aproximar, mas para tirar as sandálias, logo indentificando-se como o Deus do seu pai, de Abraão, de Isaque e de Jacó, Moisés jogou-se ao chão em reverência e temor. Era o seu próprio Deus que vinha à sua procura!

Deus explicou a Moisés a razão da visita. Deus havia visto a aflição do povo no Egito, havia ouvido o seu clamor e havia resolvido resgatar o povo do Egito e levá-lo para a terra que havia prometido a Abraão. Para cumprir este propósito havia escolhido Moisés. E Deus disse a Moisés, "Vem, e eu te enviarei a Faraó, para que tires do Egito o meu povo, os filhos de Israel".

Moisés lhe respondeu como qualquer um de nós teríamos feito: "Como é? Eu? Tu queres que Eu faça o quê? Deus, tu não sabes o que estás pedindo. Tu precisas falar com outra pessoa. Eu não sirvo de libertador de povos escravos. Será que tu não anotaste o endereço errado? Quem sou eu para que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel?".

Veio a resposta de Deus. "Moisés, Moisés, não fui eu que errei o endereço, foste tu que não ouviste bem o recado. A questão não tem a ver com as tuas qualificações, mas que EU SOU contigo. Vou até te dar um sinal de que realmente EU SOU que te envio. Depois que tu tiveres tirado o povo do Egito, servirás a Deus neste monte".

"Barbaridade! Brincadeira! Que tipo de Deus dá um sinal como esse? Que sinal é esse que somente se vê após a tarefa cumprida! Mas não é possível! Olha, Deus, se eu for aos filhos de Israel e disser-lhes que o Deus dos seus pais me enviou, eles vão rir da minha cara! Vão perguntar pelo teu nome. Vão querer saber mais a meu respeito. Dirão, 'Que deus é esse? Quem é ele contra os deuses egípcios? O que pode ele fazer?'. Que resposta darei?".

"EU SOU o que EU SOU—que ESTOU SENDO. Dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós. YHWH, o Deus de vossos pais me enviou a vós. Este é o meu nome para sempre. Assim serei lembrado de geração em geração".

Deus continuou a falar com Moisés, Moisés sempre procurando uma forma de livrarse do chamado. É que Moisés já havia tentado livrar o povo e havia fracassado. Moisés, filho do Faraó do Egito, havia enfrentado a opressão dos escravos hebreus, porém havia apenas conseguido que o Faraó o condenasse à morte. Por suas próprias forças, Moisés já havia tentado libertar o povo e apenas condenou-se a si mesmo. Agora Deus vem, chamando-o para cumprir a tarefa na qual havia fracassado.

Será que Deus não entendia? Será que Deus não via que era impossível que Moisés fizesse tal coisa? Será que Deus não poderia encontrar outra pessoa, melhor capacitada para a tarefa à mão? A época em que Moisés queria libertar o povo já havia passado. Com o seu fracasso, havia morrido também a esperança de resgatar o povo. Porque Deus não aceitava o óbvio e lhe deixava em paz? Moisés não era a esperança do povo. Sua própria gente se havia revoltado contra a sua tentativa de ajudá-lo. Não, Deus tinha que estar enganado. Estava pedindo demais.

Deus deixou que Moisés reclamasse, porém não retirou dele o seu chamado. Respondeu às suas críticas, perguntas, e dúvidas. Disse, "Moisés, EU SOU contigo. Não te peço que vás sozinho contra o Egito como da última vez. Vem e Eu te levarei a Faraó, e ele deixará o povo ir. Não te estou enviando para fazeres isso por tua própria conta. Eu sei que isso não funciona, como também tu já o provaste. Agora que tu aprendeste esta lição, Eu estou pronto para te usar. Vem".

... (Feito a recontagem da narrativa, segue agora a parte da reflexão, extraíndo as lições do texto e convidando o ouvinte a ver-se espelhado na narrativa, na situação do próprio Moisés)...

A primeira coisa que muitos vêm nesta narrativa é a "experiência dramática de Moisés com Deus". Por isso, muita gente anda procurando ter uma experiência de uma sarça ardente como a de Moisés. Muitos chegam a pedir tal experiência a Deus. Porém, existem pelo menos três problemas em procurar ter tais experiências. O primeiro problema é que não compreendemos o significado de tal experiência. O segundo problema é estarmos procurando uma experiência. O terceiro problema é que não estamos dispostos a assumir o custo de uma experiência tal.

Ter uma experiência com Deus é ser confrontado com um chamado especial de Deus. Não é apenas ter uma experiência marcante, que pode ser lembrado por muitos anos. É a experiência de ser confrontado com a vontade de Deus, vontade tal que implica num compromisso sério com Deus, que muitas vezes será difícil de suportar. Deus não se revela de forma especial à toa. Na Bíblia, não se encontra relato de pessoas que andaram procurando ter uma experiência dramática com Deus, mas de Deus perseguindo aqueles que em geral andam desgarrados. Estas experiências partem da iniciativa divina em chamar a atenção de alguém que Deus deseja utilizar. Estas experiências chamaram as pessoas a confiar de antemão em Deus. Essa não era uma confiança qualquer à qual Deus estava convocando estes indivíduos. Esta convocação especial necessariamente envolvia um sério compromisso de vida.

No caso de Moisés, ele se encontrava foragido de Faraó, quando Deus o chamou para arriscar a sua própria vida para libertar o povo da escravidão. O profeta Jonas estava fugindo de Deus e Deus o chamou para pregar arrependimento aos seus inimigos. Saulo, no caminho de Damasco, encontrou-se com o Senhor a quem andava perseguindo, e que o chamou para que fosse ele mesmo perseguido, preso, chicoteado, e apedrejado. Gideão

estava se escondendo dos midianitas, quando Deus o chamou para levar trezentos homens para lutar contra um exército de milhares.

A experiência da sarça, porém, é detalhe mínimo desta narrativa. Enfocar toda a atenção na sarça é perder a importância da narrativa. Como já foi mencionado, a sarça foi usada por Deus para chamar a atenção de Moisés. Deus tinha uma tarefa especial para Moisés e viu ser necessário um sinal especial para chamar a sua atenção. A lição principal da narrativa concerne a convocação a esta tarefa.

Deus queria que Moisés atuasse conforme o propósito de Deus em libertar o povo da escravidão e da opressão. Moisés já havia tentado fazê-lo, mas tentou libertar o povo segundo as suas próprias artimanhas e planos. Deus o estava chamando a confiar nos planos e meios de Deus. Deus sabia que Moisés não podia libertar o povo, mas Deus estava disposto a libertá-lo através de Moisés. O chamado era um desafio para Moisés, pois pedia dele que pusesse a sua vida em risco, voltando para o Egito para enfrentar o Faraó.

Este desafio e chamado de Deus para Moisés não foi algo completamente fora de seus próprios interesses. Moisés queria ver o seu povo livre. Numa época havia até tentado realizar aquilo para o que Deus agora o chama. Isso não altera a dificuldade e seriedade da proposta, porém. Moisés havia tentado libertar o povo da opressão, e havia fracassado completamente. A diferença agora é que Moisés está sendo convocado para depender de Deus, não de si mesmo.

Parecem quase as palavras de Jesus aos seus discípulos, "Sem mim nada podeis fazer". Esta lição de impotência Moisés havia aprendido. Estava prestes a aprender que com Deus nada é impossível. Era impossível para Moisés, mas não para Deus. Moisés, porém, teria que depender de Deus e fazer conforme as estratégias divinas. Devia libertar o povo sendo portavoz de Deus, seguindo sempre as suas orientações.

... (Feito a reflexão, extraíndo as lições do texto, convoca-se o ouvinte a tomar uma decisão, aplicando os princípios estudados na recontagem e reflexão à sua própria vida. O ouvinte é confrontado com a realidade do texto, agora é necessário tomar uma decisão.)...

Será que a situação é a mesma hoje? Será que Deus tem planos para o seu povo que vão além das possibilidades dos que são chamados a cumpri-los? Será que Deus tem interesse em libertar os oprimidos hoje? Será que Deus atua hoje como atuou com Moisés?

O nome que Deus indicou para si a Moisés reflete que Ele é o mesmo de sempre, imutável em seus princípios. A questão para nós é "O que Deus nos está chamando para fazer?". Junto com essa pergunta vem outra, uma dúvida do próprio Moisés: "Será que Deus sabe o que está fazendo?". Moisés reclamou do chamado, até aceitar que Deus era Deus e que a sua posição devida era de servo obediente. Ainda assim, Deus exigiu dele confiança para andar com Deus em meio ao desafio além do seu controle. Moisés teve de confiar no sinal que ainda não podia ver. Teve que andar segundo a promessa de Deus, tal qual Abraão.

Nós não queremos esse tipo de desafio. Queremos algo feito, definido, que possamos analisar com cuidado, tranquilidade e comodidade. Queremos exigir de Deus que ele nos leve a realizar os nossos próprios propósitos, segundo os nossos próprios conselhos, sempre protegendo o nosso conforto pessoal. Não estamos preparados para ouvir o chamado de Deus. Não estamos dispostos a seguir aonde não conhecemos o caminho de antemão.

O que Deus te chama a fazer? Estás ainda reclamando da dificuldade? Estás reclamando que tu não tens possibilidade de cumprir o encargo? Estás lutando contra Deus por já ter sofrido derrota? Estás inseguro e desconfiado daquele que te chama? Até quando lutaremos contra o chamado do Eterno? Até quando reclamaremos que a tarefa é difícil demais ou que deveria ser dado a outro? Até quando recusaremos sermos os servos do Senhor? Até quando pediremos sarças ardentes, sem estarmos prontos para aceitar o compromisso da convocação divina?

Deus nos convoca para atuarmos com Ele. Seremos nós fiéis? Se formos fiéis, a sarça continua sendo necessária?

4.4. Objetivo de Contar a Narrativa

Como já fora mencionado, toda recontagem de uma narrativa deve ter um objetivo central específico. A recontagem acima teve como propósito traçar uma distinção entre a procura de experiências e a convocação divina do servo humano. A avaliação do sermão deve primeiramente analisar se esse objetivo ficou claro e pôde ser aplicado pelo ouvinte.

Outros aspectos da avaliação são secundários ao alcance do objetivo. Lembre-se que a recontagem da narrativa sem um objetivo específico não tem propósito algum. Deve-se saber a razão pela qual se relatará uma narrativa. Sem definir um propósito, a recontagem não vale a pena. (Obviamente contar o texto bíblico tem propósito, mas é muito mais valioso quando se sabe definir um objetivo na transmissão do texto. Deus pode usar a leitura de um texto bíblico, mas quando o servo de Deus transmite uma palavra divina objetivamente através da recontagem é mais fácil a aplicação para todos os ouvintes.)

4.5. Outra Recontagem da Narrativa

Tem sido mencionado que uma narrativa pode ser contada de acordo com vários possíveis objetivos. Não é "errado" contar a mesma narrativa com enfoque diferente a ser dado, pois é o objetivo que norteia a recontagem e a individualiza. Como ilustração de que uma narrativa pode ser recontada a partir da escolha dentre vários objetivos possíveis, segue outra recontagem da mesma narrativa. Esta recontagem conta com outro propósito da anterior, ressaltando outros princípios teológicos encontrados na passagem bíblica, direcionando-se a outro objetivo. Lembra-se que o objetivo escolhido deve partir do estudo do texto e ser coerente com seu ensino teológico, porém, as narrativas geralmente transmitem mais do que um só princípio teológico, podendo ser aplicados a mais de um possível objetivo.

Pode-se enxergar no seguinte exemplo que ênfase foi dada a outros versículos específicos da passagem, os quais são centrais para o objetivo especificado. Toda a narrativa não será conuada, apenas aquelas partes integrais ao objetivo à mão.

O Deus Que Ouve (Êxodo 3.1-15)

Às vezes o ser humano se sente sozinho, clamando em vão a Deus. Será que Deus ouve o clamor de um mero ser humano?

Parecia que Deus não ouvia. O povo, a descendência de Abraão, estava passando dificuldades no Egito e clamando a Deus para livrá-los dos opressores. Sentiam que Deus estava longe e despreocupado com eles. O povo estava em dificuldades. Parecia que Deus estava bem longe. Uns teriam dito que Deus se esquecera deles. Fazia tempo que sofriam mas Deus aparentemente não fazia nada. Em desespero, gritaram a Deus, mesmo que muitos não esperavam uma resposta. Será que Deus não ouvia? Será que Deus não se importava com eles?

No outro lado do deserto, Moisés andava apascentando o rebanho do seu sogro, longe do povo sofrendo opressão nas mãos dos egípcios. Numa época havia se preocupado com a opressão, mas agora andava foragido e despreocupado com o sofrimento de seu povo. Afinal, o povo havia rejeitado a sua tentativa de ajuda e ele teve que fugir para proteger a sua própria vida.

Tinha ocupação, família, e sossego. O povo estava bem longe da sua realidade. Deus, porém estava ouvindo o clamor do povo. Deus ouvia. Deus se interessava.

Ocupado em seus afazeres, Moisés viu algo estranho e resolveu olhar mais de perto. Acerando-se do arbusto em chamas que não se queimava, ouviu a voz de Deus chamá-lo. Prontificou-se a ouvir a voz de Deus e obedeceu então a ordem de retirar os sapatos em reverência, escondendo também o seu rosto.

Deus terminou de identificar-se e disse: "Moisés, Eu tenho visto a aflição do meu povo no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa do sofrimento e da opressão vinda dos egípcios. Eu vou livrar meu povo e levá-lo àquela terra que prometi dar a Abraão e aos seus

descendentes. Tenho ouvido o clamor dos filhos de Israel e agora vou te enviar a Faraó para livrares o meu povo do Egito".

Moisés respondeu, "Mas quem sou eu? Tu queres que eu tire o povo do Egito? Deus, eles podem estar gritando para socorro, mas eu não posso tirá-los de lá!".

Deus voltou a falar com Moisés e disse: "Eu serei contigo. Tu vais tirar o povo do Egito, e depois de tirar o povo do Egito, tu me servirás neste monte".

"Mas Deus, como vou dizer para o povo que Deus me enviou para livrá-los do Egito. Eles não me querem! Eles vão dizer 'Que deus é esse que te enviou para livrar-nos? Qual deus é este que te envia?' Eles estão servindo a muitos deuses. Como vou responder?".

"EU SOU quem EU SOU. Assim dirás a eles: 'hwhy (YHWH) me enviou, o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, de Isáque, de Jacó me enviou'". Deus não havia esquecido do povo, nem de Abraão, nem de Isáque, nem de Jacó—Israel.

A situação do povo estava bem difícil. Parecia que Deus estava bem longe—longe do seu sofrimento, longe do seu clamor, longe da opressão que viviam. Parecia que Deus não escutava o seu choro. Mas Deus estava atento. Deus estava interessado. Deus estava preparando tudo para livrar o povo do Egito e levá-lo de volta para a terra prometida a Abraão.

Olhando bem, não era Deus que estava longe e desocupado, mas era Moisés! Moisés havia no passado tentado libertar o povo, só que não esperou em Deus e não procurou seguir os planos de Deus para livrar o povo. Impaciente, tomou a sua própria iniciativa em resgatar o povo e fracassou. Seu fracasso foi tanto que o próprio povo o entregou e ele teve que fugir do Egito sob condenação de morte. Finalmente Deus chega a Moisés e diz, "Chega. Está na hora de livrar o povo. Volta, pois desta vez tu farás segundo o que Eu te disser, e desta vez livrarás o povo das mãos dos egípcios".

O próprio povo se havia rebelado contra Moisés e agora Moisés encontra-se em crise frente ao chamado de Deus. Pode ser que o povo estava até reclamando da opressão, mas não havia chegado até o ponto de submeter-se aos planos de Deus para sua libertação. Como Moisés, queriam ser libertos, mas à sua maneira. Quem sabe, a maioria queria ser liberto da escravidão, mas permanecer no Egito, conforme a primeira tentativa de Moisés para resgatar o povo. Haviam reclamado da opressão, mas agora clamaram a Deus, prontos para se submeterem aos planos de Deus.

Não restava outra saída e o povo estava agora pronto para ouvir a Deus. Não é apenas a imaginação que nos leva a esta conclusão, pois vemos no decorrer do livro de Exodo que Deus insiste com o povo para largarem os seus outros deuses e servirem apenas a hwhy (YHWH).

Olhando para trás, encontra-se Raquel, a esposa amada de Jacó e mãe de José, que adorava ídolos. O povo vivia no Egito, dentro de um contexto de um povo que adorava muitos deuses. Antes de livrá-los do Egito, Deus revela nas pragas que há um só Deus, soberano acima de todos os deuses do Egito. É este Deus que vem para socorrer o povo em seu clamor.

Não era Deus que estava longe, mas era o povo. Não era Deus que não ouvia, mas o próprio povo. Não era Deus que era impotente, mas o povo que procurava outras formas de resolver a sua situação desastrosa. Deus era fiel. Eles eram os infieis de ouvidos tapados.

Parece que Deus estava esperando para que o povo estivesse pronto para ser libertado, e que Moisés estivesse pronto para ser usado por Deus. Alguns estavam prontos. Alguns estavam clamando. Alguns estavam esperando em Deus. No tempo certo, Deus veio ao resgate.

O povo reclama e o povo clama. O povo aponta o dedo a Deus e diz "Faça alguma coisa! Livra-nos daqui!".

Deus responde: "Vem. Vou te enviar ao Faraó para que tires o meu povo do Egito". Ao pedir que Deus atue, é preciso estar pronto para ser o veículo de sua ação. Ao

reclamar libertação divina, é preciso prontificar-se para aceitar o compromisso exigido por Deus.

Será que mudou muita coisa entre o contexto vivido pelo povo hebreu no Egito e o povo de hoje, que somos nós? Somos muito prontos a reclamar da situação em que vivemos. Estamos prontos para aceitar o compromisso que Deus exige de nós? Estamos prontos para sermos agentes da libertação divina? Quais são os motivos da nossa gritaria hoje? Deus está longe sem ouvir, ou somos nós que nos recusamos a nos prontificarmos para a ação divina? Enquanto nós clamamos a Deus, o que será que Deus quer de nós? Estamos prontos para ouvir? Será que ainda não aprendemos de nossa necessidade de nos dispormos a Deus como servos obedientes? Estamos reclamando apenas para lançar a idéia de que Deus é distante, ou estamos prontos para que Deus atue para libertar?

Deus nos ouve. Deus conhece o nosso contexto e as nossas dificuldades. Como está a nossa audição? Estamos prontos para ouvi-lo?

4.6. Exemplos de Homilética Narrativa

Apresenta-se a seguir alguns sermões em estilo de homilética narrativa para que o aluno tenha mais contato com o estilo apresentado. Inclui-se aqui apenas os textos dos sermões, o estudo textual tendo já fornecida a base para os sermões. Espera-se que com esses exemplos a exposição do estilo fique mais clara. Como poderá ser percebido, mesmo no emprego deste estilo há muita possibilidade para elementos criativos e flexibilidade na extensão do sermão.

4.7. A Criação do Homem (Gênesis 2.4b-3.24)

Muitas vezes a gente gosta de culpar o outro quando a falha é nossa. Alguns até desconfiam de Deus, pois vêm ao seu redor gente que não merece confiança. Imaginam que Deus seja um pouco como nós. Será que não poderia ser diferente?

Deus criou tudo que era necessário para o homem, incluindo comida, ocupação, companheirismo, e até suas necessidades estéticas. Tudo aquilo que Deus fez foi bom. Qual foi a primeira coisa que o ser humano fez por sua própria iniciativa—pecou na primeira oportunidade! O mal foi criação do homem, não de Deus! Será que não é assim hoje também? Nós apenas gostamos de jogar a culpa em Deus para não nos sentirmos responsáveis pelas nossas ações. Não é assim?

Será que Deus não é digno da minha confiança? Ou será que não sou eu quem não deveria receber a confiança de outro? Eu sou o culpado, pois fui eu que neguei a provisão de Deus para mim. Fui eu que desconsiderei que YHWH (hwhy) sabe o que é melhor para a minha vida. Sou eu que ando tentando fazer o meu próprio caminho, não confiando na palavra do Criador.

4.8. Desconfiança na Provisão de Deus (Gênesis 2.4b-3.24)

De início, Deus proveu tudo que era necessário para o ser humano. Será que a criatura aprenderia a confiar na provisão de Deus?

Criando a humanidade, Deus providenciou também o Jardim Paraíso, conhecido como Edem. Esse jardim era regado por água que subia da terra. Parece ter sido um jardim imenso, pois nele havia não somente o homem, mas também animais de toda espécie, quatro rios, pedras preciosas, ouro de alta qualidade, e plantas de toda espécie para comida. Além de tudo isso, Deus forneceu ao homem ocupação – cuidar do jardim – e também instrução para a sua vida, indicando que uma das árvores do jardim era mortífera. Deus providenciou ainda mais que o homem fosse completo, sendo macho e fêmea. Por cima de tudo, o homem andava em plena comunhão com o seu Criador.

Até aqui, a narrativa descreve um paraíso ideal. Tudo funciona corretamente. Há toda provisão divina para suprir todas as necessidades humanas, até mesmo as estéticas. YHWH há provisto tudo de forma ordenada e dado à humanidade domínio sobre toda a criação. Existe até mesmo uma intimidade e comunhão entre o ser humano e o Criador.

Com tudo isto que Deus havia providenciado para suprir as suas necessidades, o homem não se contentou. Queria mais. Queria não ter que depender de Deus, nem de obedecer às suas instruções. Não contentou-se em ser o mordomo do Criador, nem de seguir as ordens e os conselhos d'Aquele que criou o universo. Queria tomar para si o privilégio de fazer as suas próprias regras, de seguir os seus próprios conselhos, de tomar para si o lugar do Criador. Queria ser igual ao Senhor Deus e depender apenas do seu próprio conhecimento, fazendo o que bem lhe agradasse, sem prestar contas a ninguém. Deu tudo errado.

A tentação de desobedecer, seja, de não confiar nas provisões, intenções e instruções de Deus, já deve ter nascido dentro do próprio homem, pois não levou muita coisa para levá-lo a atuar em desconfiança. Quem sabe já tinha começado a projetar as suas próprias fraquezas sobre Deus. De qualquer forma, à primeira oportunidade o homem estabeleceu o seu próprio curso, desviando-se dos planos de Deus.

O animal mais sabidinho de todo o jardim aproximou-se à mulher e começou a instigar que Deus deveria mesmo estar escondendo do homem algum privilégio especial, retendo-o para si mesmo. Em lugar de confiar cegamente em Deus, não deveria o homem comer da árvore do conhecimento para poder fazer as suas próprias decisões e o seu próprio caminho? O próprio nome da árvore era "árvore do conhecimento desde o bem até o mal". Deveria ser bom comer dessa árvore para ter pleno conhecimento! Qual poderia ser o problema? Afinal, conhecimento é coisa boa, e quem tiver um conhecimento pleno poderá certamente fazer decisões sábias e corretas! Também não teria que depender de Deus, já que certamente conheceria tudo quanto conhecia o Senhor.

Não levou muito até que a mulher tomou daquela árvore, e deu ao marido que também comeu. Que tragédia! Deveriam ter confiado na palavra do Senhor, em vez de dar lugar à voz de uma simples criatura, mesmo que sagaz entre as demais! Será que não compreendiam que a astúcia da serpente era muito mais limitada do que a de Deus? Será que não confiavam que o Deus que havia preparado todo aquele Jardim Paraíso o havia feito com a intenção amorosa de suprir todas as suas necessidades? Como podiam prestar mais atenção em outra criatura do que n'Aquele que havia criado aquele maravilhoso jardim? Em lugar de confiar no Criador, deram mais atenção a um bicho que nem tinha patas!

De mordomo do Jardim Paraíso, andando em plena comunhão com o Criador, o homem transformou-se em fugitivo, escondendo-se d'Aquele de quem desconfiou. O paraíso no qual vivia tornou-se uma ilusão, pois já não podia acreditar na benevolência do Criador, de sua provisão, e do seu amor. Em lugar de ter todo aquele conhecimento desejado, viu-se ainda mais dependente no Criador, pois havia atrapalhado a sua vida de forma inesperada.

Nem assim Deus o desamparou. O Senhor veio atrás do homem infiel, chamando-o de volta para uma nova comunhão. Vestiu o homem de peles e providenciou a melhor saída possível de sua nova condição. Em misericórdia retirou dele a possibilidade de ser imortal, pois em meio ao pecado não o agüentaria. Alertou ao homem referente às consequências do seu erro, para que entendesse mais uma vez a sua necessidade de confiar no Criador. Mesmo em meio de sentenciá-lo, Deus age outra vez para prover por suas necessidades.

Difícil é aprender a lição de confiar em Deus. Parecia muito melhor ser autosuficiente, não dependendo de ninguém. Parecia ser melhor testar os limites estabelecidos por Deus, pois quem sabe Deus não estava protegendo o ser humano, mas defendendo interesses egoístas. Parecia muita coisa, até que o homem resolveu dar lugar à sua desconfiança. Nunca havendo experimentado outra coisa senão a provisão de Deus, deve ter sido muito tentador colocar os limites à prova. Conhecer algo diferente parece ser algo gostoso. Pelo outro lado do assunto, as coisas são bem diferentes!

Será que é realmente muito diferente hoje em dia? Não é que desconfiamos dos limites que Deus estabelece da mesma forma descrita no jardim? Será que o problema

mesmo não é o de aceitar que Deus realmente sabe o que é melhor e é este melhor que escolheu para o homem? Não é mesmo que o que realmente nos falta é confiar no Criador?

Lá no Éden não deu certo desconfiar de Deus. Por que será que a gente insiste hoje não crendo na provisão de Deus? Por que será que continuamos a projetar sobre Deus as nossas falhas, em lugar de crer? Será que não deveríamos confiar mesmo? A Bíblia atesta que Deus é fiel. Será que o nosso viver atesta para o mesmo?

Confiar em Deus... parece ser uma coisa fácil. Todo mundo diz crer e confiar em Deus. Será? Será que realmente confiamos?

4.9. O Perdão Difícil (Gênesis 4.1-24)

Ouve-se muito falar sobre perdão, mas o aceitar ou aplicar é um tanto mais difícil. Será que realmente compreendemos e queremos oferecer e aceitar o perdão, mesmo quando for oferecido a outro?

Na narrativa de Caim e Abel, vemos de início uma diferença e conflito entre dois irmãos. Abel oferece do seu melhor em oferta a Deus, enquanto Caim parece dar uma oferta qualquer para cumprir com a obrigação. Como Abel inclina-se de coração a Deus, ele recebe o contato com Deus que procura. A atitude de Caim, no entanto, não é aceito, e ele procura desfazer-se da comparação com o irmão, para assim afastar qualquer crítica.

A esse ponto, Deus alerta a Caim para encorajá-lo no caminho certo. Caim recusa a aceitar a sua responsabilidade pelas atitudes e ações earma uma forma de assassinar o irmão, livrando-se de comparativas. Em todo esse processo, Deus está presente, comunicando-se com Caim, na procura pelo seu resgate.

Parece que Deus aceitou a oferta de Abel, mas não tinha interesse em caminhar com ele para o proteger. Porque é que Deus tem que falar com esse assassino, enquanto não alerta Abel para o fato que Caim quer matá-lo? Onde está a justiça de Deus para proteger o justo? Por que Deus deixa Abel correr risco de vida enquanto Caim arma as suas ciladas?

Caim chama Abel para o campo e o mata. É o último contato direto que temos de Abel—morto no campo e aparentemente enterrado para ali ser escondido. E parece que Deus não interveio.

Deus logo chama a Caim para responder pelas suas atitudes e ações. Caim ainda procura esconder o seu feito, mas Deus está a par da situação. “A voz do sangue do teu irmão clama a mim desde a terra”. Queremos ouvir, então uma voz de sentença severa, Caim pendurado pelas unhas dos pés, chicoteado, torturado até devolver a vida de Abel. Mas Deus já recebeu a vida de Abel, sua voz clamando e chegando diretamente à sala do trono do universo. Deus não está mais preocupado com Abel, pois Caim nada mais pode fazer contra o irmão.

O que nos preocupa, porém, é que Deus ainda preocupa-se com Caim. Não procura formas engenhosas para torturar e matar. Procura resgatá-lo e trazê-lo a confiar em Deus como Abel fazia. Deus procura libertar Caim de sua ansiedade de ser comparado com os demais, para que ele possa desfrutar da presença de Deus na sua vida.

Deus comunica a sentença, explicando para Caim os resultados de seu modo de agir. Caim começa a pesar as consequências e não enxerga futuro, a não ser ruína. O lavrador agora se transforma em errante e vagabundo, com medo do resto da humanidade.

Nesta condição, Caim clama a Deus e recebe misericórdia ainda. As consequências não são eliminadas de sua vida, mas Deus também não o abandona. Caim recebe misericórdia, perdão e uma nova chance de viver sob a graça de Deus. Não sabe, porém, comunicar essa graça para não gerar num conceito de libertinagem. Seu tataraneto Lameque não ouve da graça e misericórdia de Deus que conduz a responsabilidade de ação e uma nova vida. Este pensa que pode exigir uma completa proteção divina para si, enquanto trata os demais como quer.

Parece que Caim até recebeu graça e misericórdia—o perdão divino, mas não o soube compreender e comunicar adequadamente. Será que nós somos muito diferentes? Será

que não vagamos entre exigir que Deus ignore as nossas responsabilidades de ação enquanto exigimos um rigoroso tratamento daqueles que nos ofendem? Será que entendemos o que é o perdão de Deus? Num contexto em que todos cumprem com os seus deveres, não teríamos que lidar com a questão de pecado e perdão. Não queremos lidar com isso no contexto no qual vivemos. É mais gostoso lidar com o perdão nos termos de Lameque, enxergando apenas proteção divina para reivindicar justiça para toda iniciativa própria. Por outro lado queremos eliminar o outro que contraria as normas de Deus, ferindo-nos de alguma maneira.

Será que temos compreendido e aceito o perdão de Deus? Quem sabe temos uma preferência por justiça cruel e vingança. Ainda bem que Deus continua oferecendo misericórdia, graça e perdão. Poderemos aceitar tal oferta?

4.10. A Espera de Abraão (Gênesis 12.1-2, 15.1-6, 16.1-5)

Às vezes anelamos algo que parece não ter solução. Não vemos qualquer jeito de solucionar o problema e parece que a intervenção divina não está próxima. Será que Deus é fiel para suprir as nossas necessidades? Devemos esperar em Deus? Ou será que Deus quer que tomemos alguma iniciativa própria?

Abraão queria um filho. Fazia tempo que se casara, mas sua esposa não engravidava. Ele sabia que Deus lhe daria um filho, pois Deus havia prometido que teria um herdeiro, mas estava cansado de esperar. Bem, de certo modo já tinha um filho, pois Ló, seu sobrinho veio morar com ele, já que seu pai havia morrido. Mesmo assim, não era o mesmo que ter um filho próprio. Tinha um servo que amava a quem todos os seus pertences passariam, mas não era o mesmo. Parecia que sempre estavam lhe perguntando quando ele e Sara teriam um filho. Já não sabia o que fazer.

De acordo com o pensar dos povos da sua época, um filho significava tanto o herdeiro como a continuidade da própria vida dos pais. Não entendiam ainda o conceito da continuidade da alma, senão pela extensão de sua vida através dos filhos. Como o filho espelhava os pais, os pais continuavam a viver através da descendência.

Deus havia lhe prometido uma descendência enorme. Abraão confiava na palavra de Deus. Tinha certeza de que Deus cumpriria sua promessa. Mesmo assim, suas preocupações com um herdeiro, suas necessidades emocionais, e a pressão que vinha de seus conceitos de vida eterna e dos povos ao seu redor o vinham desgastando. Queria descansar na promessa divina, mas estava cansado: Cansado de perguntas... Cansado de piadas... Cansado de esperar... Cansado de explicar para as pessoas a respeito das impossibilidades que enfrentava... Cansado de viver sempre numa expectativa que não se concretizava. Abraão queria um filho—um herdeiro, a extensão de sua própria vida. Queria uma resolução imediata, mas a resposta tardava ano após ano.

Cansado, triste, incerto com respeito ao futuro, tomou algumas decisões impróprias. Procurou fazer seu próprio caminho. Chegou a pensar que Deus esperava que ele mesmo agisse para realizar o sonho. Aceitou a forma de vida dos povos ao seu redor, deixando-se convencer que fazia a vontade de Deus. Não era verdade.

Por um tempo, seu esforço aplacou-lhe a intensidade do seu desejo, mas não foi a resposta desejada. Abraão reconheceu o seu erro, mas sentia ainda a pressão. Agora, porém, a pressão era maior, pois havia feito uma tentativa que foi frustrada. Esse erro lhe aumentou a angústia por um filho que fosse o filho que Deus lhe havia prometido.

Voltou a esperar. Cansado, triste, inseguro, angustiado, desesperado, mas Deus voltou a confirmar a promessa. Quem poderia crer? Era impossível pensar que realmente teria um filhão! Sara já tinha idade avançada e ele ainda mais. Deveria realmente confiar em Deus? Sabia que sim, mas suas emoções lutavam com o seu raciocínio. Era tão difícil aceitar. Mas era necessário. Deus era fiel e cumpriria sua promessa.

E nós? Quais são as lutas que enfrentamos hoje? Quais as promessas de Deus que nos parecem impossíveis? Qual é a luta que as emoções trazem às nossas vidas? O que nos leva a questionar a fidelidade de Deus, dizendo "Será que Deus é fiel, mesmo"?

Abraão passou por essa prova. Em verdade, ele fracassou de inicio, mas depois voltou a Deus, confessando sua fraqueza, sua angústia, e, arrependendo-se, voltou a Deus para esperar a resposta divina. Qual será nossa resposta? Optaremos pela resposta que o mundo oferece, ou pela resposta de Deus? Esperaremos em Deus, ou buscarmos o atalho mundano?

Abraão aprendeu que o atalho oferecido pelo mundo não produz a resposta adequada. E nós? Aprenderemos pelo exemplo de Abraão, ou aprenderemos pela nossa própria experiência? "Entrega o teu caminho ao Senhor. Confia n'Ele, e o resto Ele fará".

4.11. O Grande Sacrifício (Gênesis 22.1-19)

Observação. Na introdução da seguinte narrativa estão dois parágrafos didáticos. Este tipo de introdução não seria normativo, mas é uma opção no evento de uma temática que necessite certa explicação introdutória.

No mundo antigo entre os povos vizinhos de Israel e seus antecedentes (e quem sabe ainda hoje no espiritismo afro-brasileiro), o sacrifício animal tinha como propósito essencial aproximar o ofertante do seu deus. Compreendia-se que o fator animativo do ser humano e animal residia no sangue do mesmo. Assim vemos expressões bíblicas como em Gênesis 9.4-5 e Levítico 17.11-14 que a vida do animal está no seu sangue. Ao morrer, a vida do animal era liberado no fluir do sangue (onde residia), voltando essa vida a Deus. Assim em Gênesis 4.10 é o sangue de Abel que clama a YHWH, culpando a Caim.

No ato de sacrificar um animal, portanto, os povos entendiam que o sangue derramado do animal aproximava o ofertante ao seu deus, garantindo-lhe audiência perante a divindade. Fazendo o seu sacrifício, o ofertante poderia transmitir seu pedido diretamente ao seu deus, por intermédio do sangue do animal sacrificado. O ato sacrificial, portanto, era uma forma de buscar a presença de Deus, dando ao ofertante atenção divina.

Também para Abraão o sacrifício era um meio de buscar audiência de YHWH e de confessar sua lealdade a Deus. Certos povos ao seu redor utilizavam também o sacrifício humano, como forma intensiva de buscar a atenção e ajuda de seus deuses. Para muitos, o sacrifício não encontrava sempre uma resposta positiva, pelo qual ofereciam muitos sacrifícios e até se imolavam, implorando a atenção da divindade, como está registrado em 1a Reis 18.28. Era algo difícil para os povos receberem a atenção divina que procuravam. Suas formas de culto eram tentativas para alcançar essa audiência e aprovação divina.

Abraão havia esperado muito para ter um filho. Já com idade avançada o filho prometido por YHWH nasceu e o cumprimento da promessa tanto esperada torna-se realidade. Isaque era tudo que Abraão havia pedido—era a extensão de sua vida, era um filho que amava, era a visão e esperança de um povo que herdaria a promessa de YHWH para ser uma bênção a todos os povos da terra.

Sendo Isaque, o filho da promessa já moço, Abraão se via com a necessidade de dar a YHWH o que tinha de melhor. Ele sabia que todos os povos ao seu redor vinham mostrando a sua fidelidade aos seus deuses com sacrifícios que realmente importavam. Abraão sentiu que YHWH pedia que ele desse prova igual de sua fidelidade. Afinal, o que já havia ele entregue a Deus que realmente lhe importasse? Estava reservando para si o que lhe era mais importante. Precisava levar o seu filho, a realização da promessa de YHWH para entregar-Lhe em sacrifício.

Preparou tudo para a viagem e levou Isaque, a lenha e servos para irem adorar a YHWH. Seguiram viagem caminho o monte. Deixou os servos para trás e pediu a Isaque que levasse a lenha para o sacrifício que prestariam a YHWH. Muitos enxergam uma fé inabalada da parte de Abraão que YHWH certamente lhe restauraria Isaque, mas o texto não diz nada além de que Abraão deu uma resposta aos seus servos para que ficasse à sua espera. Indo mais adiante, Abraão e Isaque chegaram no local, e Abraão ouviu a preocupação do jovem: "Pai, onde está o animal para o sacrifício?". Respondeu da única forma que lhe era possível: "Deus verá".

Mesmo não compreendendo, Abraão precisava confiar em YHWH. YHWH havia provido um filho, o cumprimento da promessa. Abraão agora precisava entregar o mesmo de volta ao cuidado de YHWH. Abraão precisava uma aproximação de YHWH. Precisava da audiência divina e da aprovação divina. Sabia que lhe era necessário entregar o seu tudo e o seu melhor a YHWH.

Subiram o monte para o local apropriado e construíram o altar. Colocaram a lenha em ordem e Abraão tomou o filho e o amarrou para o sacrificar a YHWH. Estava para oferecer o seu melhor—toda a sua esperança para o futuro, o que lhe era mais precioso, o filho que por tanto tempo havia esperado e anelado. No último momento, YHWH envia o Seu mensageiro para que não machucasse o filho. YHWH não quer sacrifício humano. YHWH não exige que o homem faça nada mais do que vir com coração sincero a buscar audiência divina. Até mesmo o sacrifício necessário YHWH provê. YHWH faz tudo para que o homem tenha plena oportunidade de ter livre acesso a Deus. O que ao homem é necessário é apenas sua sinceridade e fidelidade em servir a Deus.

Abraão aprendeu que Deus não apenas deixava o homem ter audiência divina de vez em quando, mas preparava tudo para dar essa audiência livremente. Abraão aprendeu que YHWH é digno de confiança e provê pelas necessidades do homem. Aprendeu que YHWH vê as intenções do ser humano e aprova a sinceridade. Abraão aprendeu que servir fielmente a YHWH é muito melhor que inventar o seu próprio caminho. Aprendeu que deveria depender completamente em Deus, colocando a sua vida inteiramente à Sua disposição. Por sua fidelidade, recebeu de volta a sua vida em dobro. Aprendeu que a grande exigência de Deus não é sacrifícios exagerados, mas confiança na provisão divina. YHWH está pronto a receber o homem ante sua presença. Será que estamos prontos a procurá-lo em sinceridade?

4.12. Compromisso da Aliança (Êxodo 19.3-8)

Nem todos esperam que as promessas de Deus contenham compromissos de nossa parte. Será que compreendemos o que Deus espera de nós?

O livro do Êxodo dá início com o povo de Israel escravizado no Egito. Toma tempo para ilustrar quão sofrida era a situação do povo, bem como sua completa falta de esperança para um futuro diferenciado. Nunca na história havia um povo escravizado ter sido libertado. Escravidão era algo perpétua para o povo, mesmo que um ou outro indivíduo escapasse.

Com o nascimento de Moisés a narrativa começa a dar certa alusão esperançosa, mas tal esperança se perde rapidamente com o homicídio do Egípcio nas suas mãos. A única esperança do povo necessariamente corre para o deserto em fuga. O povo não tem qualquer esperança em vista, e nessa condição clama a YHWH (hwhy) a fim de alcançar socorro de algum modo.

Desesperados, clamam por outra chance qualquer, pedindo clemência absoluta.

YHWH ouve o povo e envia a eles Moisés, o libertador rebelde. Moisés até tinha interesse em libertar o povo, mas não havia encontrado o jeitinho certo. Quando Deus o chama, ele até reclama antes de aceitar o encargo na ausência de melhores desculpas. Então reclama o povo, mesmo querendo liberdade, ansioso que nem seria possível. Faraó endurece o coração e dificulta ainda mais a vida do povo escravo. Até pedem que Moisés os “deixe em paz”. Sem qualquer esperança por parte do povo, Deus continua a trabalhar com sinais que atacam todo aspecto importante do panteão egípcio, até chegar na pessoa do Faraó. Sem que o povo levante o braço em lutar contra o regime, YHWH o saca de sua escravidão, pelejando pelo povo. Egito, nação vista como poder de insuperável, é esmagada perante a decisão e ação divina.

Após esta tão grande libertação, na qual o povo tem sido convocado apenas a crer que YHWH atuará em seu benefício, o povo se aproxima ao monte, onde é convidado para aceitar os termos de Deus para uma aliança. Vale ressaltar que o povo não vem atuando como povo de YHWH, mas agora que foram libertos vem a convocação para serem um povo—o povo especial de YHWH.

A convocação à aliança provém de YHWH, não do povo. YHWH chama a Moisés, pedindo que convoque uma assembleia especial para ouvirem os termos da aliança sendo proposta. O povo tem todo direito para rejeitar a proposta sendo estendida. É uma proposta estendida por YHWH, com direitos e privilégios para ambos lados, bem como responsabilidades. É também uma proposta de livre escolha. O povo ganhava a proteção de YHWH, tornando-se seu povo especial, porém, comprometendo-se a aceitar suas responsabilidades. A escolha em aceitar era do próprio povo.

"Tens visto o que eu fiz aos egípcios, e como eu lhe saquei fora em asas de águias e lhes trouxe até mim. Agora, portanto, se obedecéis diligentemente a minha voz e guardares a minha aliança, sereis a minha possessão peculiar entre todas as nações; pois toda a terra me pertence, e vós se tornareis num reino sacerdotal e numa nação santa para mim."

YHWH os convoca a aceitarem o privilégio de serem o seu povo especial, com o compromisso de espelharem ao próprio YHWH que os havia libertado do Egito. Poderiam desfrutar de sua proteção, e teriam a obrigação de serem um luzeiro perante os povos. No meio da euforia após as vitórias realizadas sobre os egípcios, teria sido fácil demais para que o povo dissesse "Sim!" YHWH, porém os levou a caminhar mais três meses no deserto antes de convocá-los a aceitarem a sua aliança. O povo ainda via a necessidade de aceitarem, e deram resposta afirmativa. Passaram a ser o povo especial de YHWH!

O problema do enredo, gira em torno de apenas duas palavrinhas—"se diligentemente". Analisando bem, o povo até queria desfrutar das bênçãos da proteção divina, mas aceitar suas condições era outra coisa. Em todo o trajeto desde o Egito, o povo teve apenas de confiar em YHWH para suprir suas necessidades. Mas confiar é chato, e o povo queria fazer seus próprios planos, guiar suas próprias vidas, e fazer seu próprio caminho. O povo queria controlar o seu próprio destino, e o problema era que YHWH era grande demais! Não tinha jeito de controlar o Deus que os havia sacado do Egito, mas quem sabe um daqueles deuses do próprio Egito poderia ser manipulado?!

O compromisso da aliança é sério. Fomos chamados a sermos o povo especial de YHWH com a expressa preocupação de ser uma nação sacerdotal, mediando a presença e a identidade de YHWH perante todos os povos. Fácil até é dizer que queremos ser povo especial. Mais difícil é aceitar o compromisso e as responsabilidades do encargo.

Como o povo de Israel, nós também fomos convocados a assumirmos um compromisso sério, cheio de responsabilidades. O essencial é de atuarmos como sacerdotes ao mundo, fazendo Deus conhecido ao mundo. É um encargo missionário. Para aceitarmos as bênçãos de sermos povo de Deus, é necessário aceitar também as responsabilidades.

Será que estamos prontos para tal compromisso? As responsabilidades da aliança não são apenas divinas. Existe responsabilidade para o ser humano também. Será que estamos prontos para encarar essa verdade? "Se diligentemente guardardes a minha palavra, então..." Qual será a nossa resposta?

4.13. "Tinham Carros de Ferro" (Josué 17.16-18, 23.1-16 e Juízes 1.19)

O que fazemos quando aparecem enormes dificuldades em nossa frente? Dizer que confiamos em Deus é fácil, mas será que confiamos mesmo?

Depois da morte de Moisés, YHWH utilizou a Josué para liderar o povo na entrada para conquistar a terra prometida. Por intermédio de Josué, o rio Jordão foi aberto para o povo passar à terra de Canaã. Também foi sob a sua liderança que o povo teve a vitória sobre a cidade de Jericó, caindo as suas muralhas. Ao longo de sua vida, o povo enfrentou vários povos vivendo em Canaã, sendo muito vitoriosos, ao passo que obedeciam a YHWH. Ouvi algumas desavenças no caminho, mas estas apenas quando o povo esquecia de confiar em Deus, e confiasse em si mesmos, escolhendo os seus próprios caminhos.

Na época da morte de Josué, ele se dá o trabalho de alertar o povo a confiar e cultuar somente a YHWH, Deus de Israel. Suas palavras no capítulo 24 são quase que assustadoras, ao percebermos sua falta de confiança na fidelidade do povo. “Não podereis servir ao Senhor, porque é Deus santo, é Deus zeloso, que não perdoará a vossa transgressão nem os vossos pecados. Se abandonardes o Senhor e servirdes a deuses estranhos, então ele se tornará e os fará o mal, e vos consumirá, depois de vos ter feito o bem” (Josué 24.19-20).

Dura palavra para ouvir! Será que o povo não vinha confiando em YHWH? Havia recebido tantas bênçãos e provas da presença e atuação de YHWH em seu meio. Havia dado vitória inconcebível a esta mesma geração. Como é, então que Josué os adverte com palavras tão fortes? Como é que pode dizer “deitai fora os deuses estranhos que há no meio de vós” (24.23)? É realmente possível que o povo vinha adorando outros deuses também?

A narrativa conclui com a morte de Josué, e logo começa o livro de Juízes. Logo no capítulo primeiro encontramos algo muito estranho. De início relata como ainda havia povos a serem conquistados na terra, pois a promessa havia sido de que fossem expulsados pouco a pouco. Logo, vemos no versículo 19 que não foi possível que Judá não pôde expulsar os povos do vale de sua região “porquanto tinham carros de ferro”. Que coisa mais estranha! O mesmo versículo diz que o Senhor estava com Judá e ajudou que tivesse vitória sobre a região montanhosa, só não podia contra os carros de ferro.

O que será que aconteceu? Será que YHWH havia enfraquecido? Será que não podia mais dar vitória completa? O que seria o problema para YHWH derrotar um exército com carros de ferro? Será que ferro não enferruja? Será que não se afunda na lama? Será que o mesmo Deus que afundou o exército do Egito com seus carros de ferro não pode mais agir? Será que YHWH estava cansado demais para lutar e realizar a sua vontade? Em Josué 17.18, o próprio Josué havia dito que os mesmos carros de ferro não eram razão de preocupação. Josué havia prometido que YHWH daria a vitória sobre os carros de ferro. O que aconteceu? Será que Deus enfraqueceu? Será que não cumpre a sua palavra? Será que aquelas vitórias narradas eram meras lendas ou contos de fadas? Será que YHWH não mais agia como naqueles dias?

YHWH não havia deixado Judá a sós, pois toda a passagem até o versículo 19 ilustra como Judá fora vitorioso em tantas batalhas. O sucesso já era tão esperado que já não era nem digno de menção. Logo lemos, porém, que Benjamin também não foi completamente vitorioso. Nem Manasés, nem Efraim, nem Zebulom, nem Aser, nem Naftali foram completamente vitoriosos. No capítulo 2, tudo se explica.

O mensageiro de YHWH vem perante o povo, lembrando as vitórias do passado, especialmente no Êxodo do Egito. Lembra ao povo também o pacto, incluindo o porém esquecido: YHWH expulsaria os povos, mas somente se o povo se mantivesse o pacto, sendo obediente a YHWH. Como o povo se rebelou, procurando outros deuses, então YHWH não lhe deu a vitória completa.

O Senhor estava com Judá, mas não valia muita coisa. Judá não estava com o Senhor. Judá até conseguiu muita coisa, mas pouca em relação ao que YHWH tinha para dar. Que pena que o povo não podia confiar em YHWH. Que pena que voltaram atrás e procuravam outros deuses, outras formas de agir e atuar. Que pena que trocassem os planos e propósitos do Todopoderoso por perspectivas falhas e enfraquecidas. Pena que não chegasse a visualizar fé verdadeira.

Será que é muito diferente conosco? É fácil pensarmos nestas narrativas como sendo relatos de um mundo muito distante do nosso. É fácil esquecermos que este mesmo Deus que agia antigamente está agindo hoje em nosso meio. Será que também procuraremos nossos próprios atalhos e desvios? Será que aceitaremos deixar os inimigos de carros de ferro habitar o vale enquanto moramos apenas na selva montanhosa? Ou será possível entregarmos as nossas vidas aos planos de Deus? Se os inimigos à minha volta parecem grandes ou poderosos demais, será que eu posso confiar numa vitória completa, mesmo sobre eles?

YHWH é o mesmo, mas nós temos escolha. “Escolhei hoje a quem haveréis de servir; se aos deuses a quem serviram vossos pais, que estavam além do Rio, ou aos deuses dos

amorreus, em cuja terra habitais. Porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor" (Josué 24.15). O povo clamou com voz forte que serviriam apenas a YHWH. Não durou muito. Qual será a nossa história? Dirá, "e o Senhor expulsou de diante deles todos os seus inimigos", ou dirá "mas não pôde desapossar os habitantes do vale, porquanto tinham carros de ferro"? A escolha é nossa. O que será?

4.14. A Espada de Gideão (Juízes 6.1-7.25)

Muitas vezes sabemos o que devemos fazer, mas o evitamos por várias razões. Porque será que não fazemos logo o que já sabemos ser o correto?

O povo de Israel havia esquecido de YHWH (hwhy) mais uma vez, andando atrás dos ídolos dos outros povos. Os midianitas estavam dominando o povo, destruindo a lavoura, e furtando o mantimento israelita. O povo estava ansioso em face da praga midianita, que havia tomado conta da terra por sete anos. Nesse desespero, clamaram a YHWH por socorro. O profeta de YHWH subiu de Gilgal (o profeta sempre vinha de Gilgal!), chamando o povo para lembrar das coisas que YHWH havia feito e voltar de seus cultos idólatras e servir novamente ao Senhor. Nesse contexto, veio o mensageiro de YHWH a Gideão, sentando-se debaixo de uma árvore.

Onde estava Gideão quando o profeta veio ao seu encontro? O que fazia ali no lagar (lugar de prensar uvas)? É fácil malhar trigo num lagar embaixo de uma árvore? Para que o esforço perdido? Gideão estava escondendo o seu trigo, com medo dos midianitas.

"E aí, Valentão! YHWH é contigo!" Gideão não estava em condição nenhuma de valente. Estava malhando trigo no local onde se prensava as uvas, escondendo-o assim dos midianitas.

A ironia do profeta encontrou terra fértil em Gideão. Esse virou e disse ao mensageiro do Senhor: "Ai, senhor! Se YHWH é conosco, porque estamos com tantos problemas? Se YHWH é conosco, não estaríamos nesta condição, e não estaria malhando trigo no lagar! Possivelmente YHWH nos fez subir do Egito, porém agora nos desamparou e entregou-nos nas mãos de nossos inimigos".

"Vai nesta tua força e livra Israel da mão de Midiã, YHWH, EU SOU, te ordeno".

Gideão não estava muito confiante na palavra intermediada pelo profeta. "Queres que eu livre a Israel da mão de Midiã? Estás louco, pois eu não sou ninguém, e a minha família também não é importante nem poderosa. Como esperas que eu possa fazer algo?".

"Tu farás, pois EU SOU contigo. Tu vencerás a Midiã como se essa multidão fosse apenas um homem".

Gideão ainda não estava muito confiante, mas sabia ser necessário medir a palavra ouvida a saber se por acaso não era realmente uma convocação de YHWH para sua vida, mesmo que improvável. Pediu que o profeta o esperasse enquanto preparava algo para comer. Trazendo o alimento ao profeta, este lhe pediu que pusesse a comida numa certa pedra, derramando o caldo por cima, ensopando-a. O profeta estendeu o seu cajado sobre a oferta, a qual foi devorada em fogo, e logo o profeta o deixou para que Gideão se acertasse com YHWH.

Gideão jogou-se por terra, reconhecendo que YHWH tinha planos para a sua vida e ele precisava adestrar os seus planos aos do Senhor. Atemorizado com o confronto com YHWH, Gideão edificou um altar, reconhecendo que YHWH vinha a ele em paz. Porém, naquele mesma noite, Gideão percebeu que ele tinha uma tarefa à mão, pois para ser fiel a YHWH, ele teria que primeiramente destruir o altar a Baal do seu pai, e colocar em seu lugar um altar a YHWH. Como era um tanto desconfiado, levou dez homens consigo e realizou este feito às escuras da noite, sacrificando o boi de seu pai no altar a YHWH.

Logo de manhã, Gideão teve que enfrentar o povo. Vieram a ele para o matar por haver destruído o altar de Baal. Seu pai interveio, dizendo, "Já que Baal é tão forte e poderoso, deixe que se encarregue de Gideão". O povo resolveu que podia deixar isso nas mãos de Baal, assim fazendo prova de Baal e também de YHWH. Mudaram o nome de

Gideão a Jerubaal, "contenda Baal contra ele", indicando que Gideão confrontaria a Baal, e Baal a Gideão. À primeira vista parece que o povo espera que Baal o vencerá, porém YHWH transforma a situação. Não é Gideão que Baal enfrentará, é YHWH! Afinal, não foi que YHWH havia dito "EU SOU contigo"?

Com tudo o que havia acontecido até aqui, Gideão ainda estava inseguro. YHWH havia falado com ele, mas ele não queria arriscar a sua vida sem ter plena certeza da vontade de YHWH. Pediu duas vezes que YHWH confirmasse o chamado, e a confirmação veio. Logo YHWH o chama a convocar um exército, o qual soma 32.000 homens. Convocado, YHWH manda 20.000 embora, logo manda outro grupo embora até restarem apenas trezentos. Trezentos homens contra um exército de mais de 100.000! Agora YHWH diz estar satisfeito com os números! Gideão está ainda inseguro! (Não imagino por quê! Quem aqui topa sair com trezentos contra 100.000?)

YHWH, porém comprehende. Manda Gideão espiar o acampamento dos midianitas, onde ouve da boca de um inimigo pagão que a vitória já foi concedida por YHWH. Gideão retorna, agora mais confiante, pronto para levar a sua tropa para a batalha.

(Quem está pronto para ir junto? Não é somente 300 contra 100.000, é também sem espada, nem escudo. É só pra levar uma tocha e uma trombeta. Como se defende com uma tocha numa mão e a trombeta na outra? É preciso confiar em YHWH!)

Olhando para trás, é fácil sermos críticos de Gideão. Afinal, muitas vezes pensamos na narrativa com apenas uma história, ou até mesmo um conto de fadas, que não tem nada a ver com a nossa realidade. Talvez até aproveitamos a narrativa para "colocar uma pele de lã" em sentido de que Deus comprove algo para nós. Uma aplicação que passa disso é difícil de ser encontrada.

A colocação de uma pele, porém, não vem ao centro da narrativa. O importante mesmo, é a confiança e o relacionamento de fé que Gideão desenvolveu com YHWH.

Confiança? Fé? Esse tal valentão que anda se escondendo no lagar? Esse tal que pede repetidas vezes confirmação antes de prosseguir com o chamado de Deus? Que confiança é essa? Que tipo de fé é esse?

É bom lembrarmos que Gideão estava apenas começando a relacionar-se e adorar a YHWH. Quando o profeta veio ter com ele, a primeira coisa que Gideão teve que fazer foi destruir o altar a Baal, o qual pertencia a seu pai. Gideão não estava envolvido com culto a YHWH, mas YHWH veio ao seu encontro. Ele havia ouvido falar das coisas que Deus havia feito no passado, mas eram para ele histórias de tempos antigos, sem relevância para o seu contexto. Quando YHWH vem a lidar com ele, porém, ele atua conscientemente para desfazer-se do seu culto a Baal e alinhar a sua vida com os propósitos de YHWH, Deus de Israel. Ademais, o que havia sido convocado para fazer incluía arriscar a sua própria vida para demonstrar a sua nova confiança.

Deus não chamou Gideão para lutar contra os inimigos de Israel, mas escolheu Gideão para ser o seu agente na batalha. YHWH iria guerrear, mas a Gideão correspondia prontificar-se para que Deus atuasse através dele. Teria que confiar que Deus lutaria se ele fosse apenas fiel, posicionando-se frente ao inimigo. Para isso, teria que sair de sua tranquilidade e comodidade, quebrar com o culto a Baal, e enfrentar a ira do povo e do povo inimigo. Teria que demonstrar a sua fé no Deus de Israel, mesmo se fosse covarde e inseguro. Teria que depositar a sua confiança em Deus, deixando de lado a fúria de suas emoções. Teria que obedecer, sem importar-se com os obstáculos à sua frente. Teria que declarar em suas ações que Deus seria fiel.

YHWH já havia prometido a vitória. Estava convocando Gideão para que participasse do que estava por fazer. O que pediu de Gideão era obediência e confiança. YHWH reconhecia que Gideão era incapaz de vencer os midianitas. Pedia, porém, que Gideão marchasse para mostrar que era YHWH que lutaria.

YHWH estava pronto para livrar o povo da opressão que sofria. Estava pronto para dar-lhe a vitória. Já havia prometido a vitória, mas esperava obediência e fidelidade do povo. A batalha estava ganha, mas faltava batalhar. Faltava fazer frente ao inimigo e confiar na vitória prometida. Faltava confiar na fidelidade de Deus.

Muitas vezes nós também enfrentamos dificuldades que parecem não ter soluções—problemas financeiros, familiares, físicos ou emocionais. É fácil cair no desespero pela nuvem de depressão que pode cair ao nosso redor. Mais difícil é confiar na fidelidade de YHWH, nosso Deus. É quase impossível lembrarmos aquelas palavras de Jesus “Buscai primeiro o Reino de Deus, e todas essas coisas [essenciais] serão acrescentadas”. Jesus falava das necessidades básicas de comida, roupa e abrigo. Existe porém outra perspectiva pela qual devemos medir essas palavras. A perspectiva dos planos e propósitos de YHWH.

Gideão estava sendo convocado a crer e obedecer. Deveria crer nos propósitos e alvos de YHWH—entregar a terra nas mãos do povo. Era uma promessa temporal que se referia ao espaço físico de Israel, porém Deus tem um propósito parecido referente a esta terra. Jesus veio para estabelecer o seu reino aqui em nosso meio. Intencionou que todos viessem a participar do reino. Tem o propósito de que todos sejam ganhos para um relacionamento de fé e esperança em Cristo. A vitória foi prometida. A vitória já está ganha. Falta agora a nossa obediência.

Será que estamos prontos para sair e receber a vitória? Estamos prontos para fazer frente ao inimigo? Estamos prontos para confiar na vitória que Cristo já nos concedeu? Seremos encontrados fiéis?

Somos poucos contra milhares de milhares, mas Cristo já nos deu a vitória! Não temos espadas para erguer, nem força para lutar, mas temos a vitória já alcançada. O inimigo trema diante do nome de YHWH, o Senhor, nosso Deus, Criador do Universo. Marcharemos como Gideão? Proclamaremos com os 300 a uma voz a vitória de YHWH? “Por YHWH e por Gideão!”

Vamos para a batalha! Vamos aceitar a vitória que já nos foi concedida! Vamos sair para fazer frente ao inimigo e vencer pela palavra de Cristo! Proclamemos juntos que há um só Deus e um só Senhor! Ganhemos esta terra para Cristo, pois a vitória já está ganha!

Cantai, pois, a vitória é ganha, o inimigo afundou-se no mar! / Cantai, pois, a vitória é ganha, as coisas velhas ficaram pra trás! / Vencidas as barreiras que nos impediam, entremos na terra de Canaã! / Aleluia, aleluia, aleluia! Aleluia, aleluia, aleluia!

Será que nós cremos nessa vitória? Será que realmente estamos prontos para levar a mensagem de Cristo para este povo? Afinal, quem é o nosso Deus? Estamos olhando para o número do inimigo, ou temos confiança real na grandeza de YHWH? Marchemos adiante, pois ele já venceu!

Cantai, pois, a vitória é ganha, o inimigo afundou-se no mar! / Cantai, pois, a vitória é ganha, as coisas velhas ficaram pra trás! / Vencidas as barreiras que nos impediam, entremos na terra de Canaã! / Aleluia, aleluia, aleluia! Aleluia, aleluia, aleluia!

4.15. Confiando na Aceitação de Deus (Rute)

Às vezes é necessário fazer decisões para confiar quando o futuro está incerto. Quando se reconhece não ter nenhuma forma de exigir nada de Deus, é comum sentir-se mais inseguro ainda. Nesses casos difíceis, será que podemos mesmo confiar em Deus?

Deus tomou uma jovem estrangeira, e através dela trouxe uma lição para o povo de Israel—uma moça chamado Rute. Ela havia se casado com um jovem de povo de Israel, enquanto ele e sua família estavam vivendo na terra de Moab, onde ela nascera. Após um tempo, faleceu seu sogro, seu marido, seu cunhado. Sua sogra disse “vou voltar para a minha terra. Fica tu aqui.” Ela disse, “Não! Prefiro enfrentar as dificuldades de ser aceita na tua terra do que ficar aqui na minha. Aceitei teu Deus como meu quando me casei com o teu filho. Permaneço naquela confiança. Volto contigo.”

Seguiram viagem de volta para Israel. Chegando lá, sua sogra lhe indicou o que deveria de fazer para ver se a sua família aceitaria as responsabilidades que tinha para com Noemi, a sogra, e para com ela.

Deus foi fiel. Foi fiel não apenas em oferecer para ela um novo esposo, vinculada de volta para a herança da família com o qual casara. Deu também para ela um filho que foi antecessor ao rei Davi. Deus foi fiel, mesmo para essa jovem que era nada perante o povo—estrangeira, sem vínculo com a promessa feita para Abraão, a não ser pela sua própria aceitação e pela fidelidade de Deus.

Será que nós confiamos tal na aceitação de Deus sobre nós e sobre aqueles que estão à nossa volta?

4.16. Fé Verdadeira na Terra de Baal (1^a Reis 16.29-18.46)

Fé verdadeira nem sempre aparece onde a esperamos encontrar. Será que sabemos onde encontrá-la?

Antes de tratar a narrativa de 1^a Reis 17.8-14, precisamos situar-nos na história de Israel. O povo já saiu do Egito, e entrou na terra prometida. O rei Davi e seu filho Salomão já viveram e reinaram, cumprindo com a vontade de YHWH (hwhy). Após estes, porém, o reino se dividiu entre as dez tribos do norte, com o nome de Israel, e as duas tribos do sul, sendo chamados por nome Judá. Os reis também haviam levado o povo a prostituir-se atrás de outros deuses, Baal em particular.

Este Baal era um dos deuses de fertilidade dos povos ao redor de Israel. Considerava-se que Baal fazia as sementes germinarem e as plantas darem os seus frutos. Consideravam que Baal era responsável pela fertilidade do gado e também das mulheres. Consideravam que Baal era quem mandava a chuva cair sobre a terra para assim regar os campos. Foi a este Baal que Acabe se prostituiu a quem construiu um templo e altar. Foi a este Baal que Jezebel, sua esposa, protegeu e manteve 450 profetas.

Quando Acaba, rei de Israel, se demonstrara infiel a ponto de erguer um altar e templo a Baal, YHWH interviu por meio de Elias. Mandou Elias apresentar-se perante Acabe em protesto ao culto a Baal. Sua palavra tocou no cerne do culto a este deus estranho. “Já que tens prestado culto a Baal, suposto deus da fertilidade e suposto deus da chuva, Eu, YHWH, farei com que não mais caia chuva sobre a terra até eu mandar. A terra tornar-se-á seca por causa do teu culto a esse tal deus da fertilidade. Então toda Israel saberá quem é Deus”.

YHWH secou os céus e houve uma grande fome na terra. No entanto, Deus enviou Elias para morar junto a um riacho, e ali enviou corvos para levar-lhe banquete de pão e carne de manhã e de noite. Era um banquete, pois o povo não comia carne todos os dias, apenas em ocasiões especiais. Baal foi incapaz de regar a terra e contrariar a palavra de YHWH. Elias, porém, ficou naquele lugar conforme a orientação de YHWH, mesmo esperando que lhe sobreviesse a morte.

Após um tempo, a seca tornou-se tal que o riacho onde Elias estava acampado secou-se. YHWH enviou-lhe, então, a outro país, a uma terra cujo povo prestava culto a Baal. Lá YHWH prometeu cuidar do seu profeta através de uma viúva.

Elias saiu de Israel e chegou-se à terra de Jezebel, a rainha que mandara matá-lo. Ali encontrou a viúva do qual YHWH falara. Pediu para ela água, e logo que lhe fizera um pão para comida. Ela reclamou.

Por que razão deveria dar de comer a este estrangeiro? Afinal, ela estava prestes a preparar a sua última refeição, para si e para o seu filho. Era o último que tinha. Após esta refeição, ela e o seu filho estavam para esperar a morte chegar, pois não tinham nenhum outro sustento.

A palavra de Elias não foi fácil de ouvir. Toma este pouco que tens, e faça um bolo para o profeta estrangeiro, e com o restante para si e para o filho. O que ela tinha mal era o suficiente para si e o filho. Não havia o suficiente para repartir. Além do mais, que mãe aceitaria tal proposta de dar comida do filho para um estranho, quando tudo indica que o filho permaneceria sem comer? Era a sua última refeição! Porém o profeta disse que não faltaria, nem a farinha, nem o azeite.

Ela reconheceu que ele era o profeta de YHWH, Deus de Israel. Havia ouvido falar de Elias, aquele que declarou a Acabe, o rei de Israel, que YHWH secaria os céus até segunda ordem. Reconhecia, também, que Baal fora incapaz de contrariar a YHWH. Se YHWH pôde secar os céus, quem sabe era possível que provesse o seu sustento também. A final de contas, que diferença havia em comer mais uma refeição que não satisfaria mas seria a última, ou logo renegar a refeição como já havendo comido pela última vez? De qualquer forma, morreria tanto ela como o seu filho. Quem sabe o profeta seria fiel?

Teve que entregar a sua própria vida nas mãos de YHWH para realmente saber de sua fidelidade. Mais do que isto, teve que confiar a YHWH a vida do seu filho. Pela seu ato de confiança, recebeu de volta a sua vida, a do seu filho duas vezes! É que algum tempo depois, seu filho chegou à porta da morte, e ela decidiu que era o julgamento de YHWH sobre os seus pecados. Irou-se com Elias, perguntando porque ele tinha que repousar com eles, só para que YHWH visse a sua pecaminosidade e executasse justiça, tirando-lhe o filho. O profeta não respondeu à falha de sua reclamação, simplesmente pegou o menino, e orou a YHWH que lhe dera de volta em vida à mãe. Feito a recuperação, ela começou realmente a crer. Baal, o chamado deus da vida e da fertilidade, realmente era impotente. YHWH, porém, é digno do título de Deus!

O que a viúva aprendeu ainda precisava ser aprendido por Acabe e a nação de Israel. É interessante que uma viúva pagã podia aprender a confiar em YHWH enquanto o povo escolhido escolhia crer em Baal, que nem era deus. Elias voltou segundo a palavra de YHWH e enfrentou a Acabe, os 450 profetas e Baal e toda a nação no monte Carmelo. Lá YHWH deu prova de ser Deus supremo e Baal impotente. Logo YHWH enviou torrentes de chuvas para regarem a terra, mostrando ser realmente o Deus da Vida, de chuva, de água, de tudo.

Ao revelar-se, porém, YHWH desafiou o povo a confiar, como também desafiou aquela viúva. Pediu que entregassem aquilo no qual confiavam para o seu sustento, os 450 profetas de Baal. Exigiu que declarassem a sua confiança apenas em YHWH de forma irreversível em oposição aos seus falsos deuses. Pediu que se rendessem por completo a YHWH e confiassem na sua misericórdia.

Será que nós também não precisamos fazer tal entrega e realmente confiar em YHWH? Para alguns pode ser necessário fazer a primeira entrega de fé, estabelecendo um relacionamento de confiança em Deus. Para outros de nós, será que não precisamos render aqueles rincões escondidos de nossas vidas a Deus? Será que ele não é fiel e poderoso para suprir as nossas necessidades? Os orixás dos terreiros são impotentes, tais como os santos pendurados nas paredes da cidade. O dinheiro é fugaz como também a chuva nos quais o plantio depende. Será que os nossos outros "deuses" não são também que nem o Baal do povo ao redor de Israel. Pelo menos a viúva de Sarepta aprendeu a lição que apenas YHWH é Senhor. E nós?

4.17. “Abra os Seus Olhos!” (2º Reis 6.8-23)

O homem tende a olhar para as coisas erradas—problemas, dificuldades, perigos, barreiras—em vez de olhar para as coisas devidas. Enfocando assim nas dificuldades, fica difícil ver a saída que já está preparada. Será que o problema maior é termos uma perspectiva equivocada? Quem sabe se enxergamos pela perspectiva de Deus, a situação seja bem diferente do que pode parecer.

A Síria estava em plena campanha de guerra contra Israel. Vinha atacando utilizando de várias estratégias para derrotar Israel. O rei estava enviando seus soldados contra cidades específicas para as sitiá-las. Contudo, enfrentava problemas, pois Eliseu, o profeta de YHWH alertava o rei de Israel a respeito dos planos dos exércitos sírios e este alertava as cidades para estarem preparados para enfrentarem os ataques planejados. Como os seus ataques continuavam a dar errado, o rei sírio resolveu investigar a fuga de informação.

Mandou que se lhe buscasse a fonte da fuga de informações. Os seus servos lhe informaram que o profeta de YHWH, Eliseu era quem estava passando informações para Israel. Ao saber disto, o rei resolveu tomar o profeta cativo para que tivesse liberdade de

atuar segundo os seus planos de guerra. Mandou que lhe reportasse a localização do profeta. Ao localizar a Eliseu, enviou um forte exército para trazê-lo de volta cativo.

De madrugada, um servo do profeta levantou-se e saiu. Estava bem contente por ser servo do profeta, pois Eliseu operava tantas coisas extraordinárias e o moço orgulhava-se por servir a esse homem de Deus. O moço saiu, mas o seu ânimo caiu por terra nessa madrugada. Levantando seu olhar, viu o exército sírio sitiando a cidade onde estavam. Correu em temor para reportar a Eliseu. "Ai, meu senhor! Estamos fritos! O exército sírio nos sitiou e nos levará cativo! O que faremos agora? Tem exército por todos os lados e não há saída! O que será de nós? O que faremos?"

Não parecia haver saída. Inimigos os cercavam por todo lado. Eles estavam sitiados sem caminho de retirada. O povo que vinha guerreando contra Israel havia atacado no ponto fraco. O próprio profeta que vinha alertando o rei de Israel contra os planos inimigos havia sido cercado. Deus aparentemente os havia abandonado. O drama de sucessos havia mudado, pois ao invés de atrapalhar os ataques sírios, estavam sendo atacados no ponto mais frágil. Tudo parecia ter caído por água abaixo. Agora não havia como escapar. Já não havia mais saída. E agora? "O que será de nós? Já não vejo mais saída! O que faremos?! Ai, meu senhor! Estamos fritos!".

Eliseu não desperdiçou o seu tempo olhando para o inimigo. Não se preocupou em medir as forças adversárias. Nem ao menos saiu para ver se não havia alguma rota para escapar. Olhou para o moço e disse, "Fica calmo. Não se preocupe. Não tenha medo do inimigo. YHWH está ao nosso lado, portanto não há razão para temer. O nosso lado é mais forte do que o deles". Logo pediu que Deus abrisse os olhos do moço para que pudesse enxergar de outra perspectiva.

Quando o moço olhou, viu de uma perspectiva bem diferente. Enxergou o monte ao redor de Eliseu estar cheio de cavalos e carros de fogo, oferecendo proteção. A situação agora parecia bem diferente. Já não era assustador. Já não estava prestando atenção no inimigo. Agora estava prestando atenção em YHWH.

Quantas vezes isso nos acontece! Olhamos ao nosso redor e enxergamos apenas dificuldades, tropeços, situações difíceis, conflitos. Olhamos ao nossa redor e atrás de cada evento contrário vemos uma armação satânica. Lembramos do versículo que diz que o nosso inimigo anda ao nosso redor rugindo como um leão para no tragar. Logo esperamos ver sua atuação por toda parte. Temos inimigos reais. Temos problemas a enfrentar cujas origens são de além do nosso controle. Vemos tão claramente por toda parte expressões de inimizade contra os propósitos de Deus. Somos tentados a identificar agência maligna em toda parte. Parece que ao nosso redor só existe inimigo. Não parece haver saída nenhuma, pois o inimigo é mais poderoso, mais numeroso, e nos há cercado por toda volta.

Às vezes chegamos a tremer de medo por dar mais atenção ao inimigo do que para o nosso Salvador! É muito mais fácil enxergar o inimigo, pois está cara a cara à nossa frente. Se olharmos com mais cuidado, poderíamos enxergar o Salvador. É falta de perspectiva, mas é também falta de fé.

A diferença entre o moço de Eliseu e o profeta provinha da diferença de relacionamento com YHWH. O moço seguia a fé do profeta e atava-se aos passos do homem de Deus. O profeta, porém, andava em plena comunhão com YHWH. Como consequência desse relacionamento, ele estava atento para aquilo que YHWH estava fazendo. Tinha os olhos fitos no Criador, o protetor fiel de Israel. O profeta havia se preocupado em conhecer a YHWH, logo não precisava preocupar-se com o inimigo. Confiava no Todo Poderoso, o que tinha para temer? O inimigo não merecia a sua atenção.

Onde está a nossa atenção? Estamos preocupados com aquilo que o inimigo está aprontando, ou estamos ocupados em conhecer e participar daquilo que o Todo Poderoso está fazendo? Temos os olhos voltados para encontrar toda armação inimiga que nos confronta, ou atendemos os planos do Criador? Medimos as barreiras ao nosso redor, ou confiamos que Cristo pode remover toda e qualquer barreira? Será que estamos temerosos de um inimigo que já foi derrotado na cruz? Será que ainda não entendemos que

servimos o Criador do Universo, o Todo Poderoso, o único Deus, que nos amou e deu a sua vida por nós?

Será que estamos deixando de fazer a vontade de Deus por falta de atenção naquilo que ele está fazendo? Será que temos os olhos voltados para o lugar errado? Fixemos os olhos em Cristo, para assim cumprir com os seus propósitos!

Ou YHWH é onipotente, ou não é. Ou é fiel, ou infiel. Ou nos ama, ou não. Ou a vitória já foi ganha por Cristo, ou já fomos derrotados. Aonde colocaremos a nossa confiança?

Abra os nossos olhos para que possamos crer e ver que a vitória realmente está em Tuas mãos!

4.18. O Adversário do Justo (Jó)

Muita gente procura fazer tratos com Deus para de alguma forma manter controle sobre as suas vidas. Será que é valido esperar recompensa por obedecer o Senhor do Universo?

Era uma vez, um homem na terra de Uz—um homem chamado Jó. Este homem era exemplo ideal de integridade e perfeição—sempre servia a Yahweh e com diligência se distanciava do mal. Jó era um homem abençoado, com sete filhos e três filhas, enriquecido por Deus em ovelhas, camelos, bois, jumentas, e servos—era o maior de todos os homens do oriente. Sua família era exemplar em comunhão, e os seus filhos faziam sempre banquetes entre si, cada um por sua vez. Jó os cuidava e oferecia continuamente sacrifícios em prol deles, pelo caso de um deles ter cometido algum pecado sem perceber.

Certo dia, quando os servos de Deus prestavam seu relatório regular, entre eles chegou o adversário. A este Yahweh faz menção do nome de Jó, o seu servo por excelência, pois não há outro na terra como Jó—íntegro e reto em tudo o que faz. O adversário, porém, toma a acusar YHWH por estabelecer um sistema de recompensa material por atos corretos. Este indica que um sistema em que o homem recebe de acordo com as suas ações não resulta em mostrar aquele que realmente é íntegro. Tal sistema apenas aponta para aquele que sabe aproveitar-se do sistema. Acusa, então a Jó por não ser sincero em sua retidão e acusa a Deus por estabelecer um sistema incoerente de retribuição direta.

Este era o conceito teológico popular do dia, ainda nos dias do Novo Testamento. No decorrer do livro, porém, tal conceito é posto à prova. Os filhos de Jó morrem, seus animais são tomados, e seus servos mortos, mas Jó permanece fiel a Deus. O adversário volta a ter com Deus na próxima ocasião de relatório, ampliando sua avaliação. Não é apenas a questão de recompensa de bens que fazem injusto o sistema de recompensa, mas é essencial a questão saúde. Retirando de Jó a sua saúde, porém, este permanece fiel. Sua esposa o incita a negar a Deus, mas Jó permanece fiel, íntegro e reto.

Até este ponto, a narrativa corre bem. Começa a ser contado como se fosse um conto de fadas, tratando de um homem sem pecado algum, tratado como exemplar até mesmo por Deus. Este logo foi posto à prova para ver se sua retidão fosse real. Jó é provado, e mostra ser tão íntegro como antes. É neste ponto que a narrativa toma outra direção.

Os três amigos de Jó chegam para consolá-lo, porém difundem a teologia retribucional vigente do dia. Reclamam que Deus há retribuído a Jó conforme algum pecado cometido, mesmo sendo que Jó insiste em não ter feito nada de errado. No responder a seus amigos, Jó aponta para o fato de que os injustos recebem prosperidade e nem sempre são punidos. Os seus amigos continuam a acusar a Jó de vários erros, porém não encontram nada, tal que Deus se intromete no discurso para fazer uma série de perguntas que não podiam ser respondidas. Desta forma, Deus mostra que todas as idéias dos amigos lançados para encontrar uma resposta ao sofrimento de Jó eram palavras de ignorância—Deus acusa aos amigos de falarem bobagem.

Ao final da narrativa, após Deus pedir sacrifícios dos amigos e a intercessão sacerdotal de Jó por eles, Deus restaura a Jó uma posição ainda mais elevada da anterior. Sua riqueza é dobrada, e seus filhos parecem ser ainda mais conceituados. Jó então vive feliz

ainda por muitos e muitos anos, até mesmo ver os ta-ta-ra-netos. Final feliz, melhor do que se esperaria, mesmo no cinema de Hollywood. Essa reconstituição de Jó soa menos provável até que um conto de fadas!

Porque tanto drama para simplesmente dizer que uma teologia de prosperidade é apenas um “papo furado”? Porque insistir tanto para demonstrar que tudo aquilo que acontece no mundo não obedece um sistema tão fechado e limitado como aquele que como seres humanos gostaríamos de ver?

Olhemos um pouco para o papel desempenhado pelo adversário no primeiro capítulo. Este começa com uma acusação a Jó, acusação que vai sendo dirigida também a Deus. A acusação principal da narrativa, porém, não é nem contra Jó, nem contra Deus. O acusado é o que reclama um sistema bonitinho de retribuição direta de benção material sobre o justo e castigo sobre o ímpio. Em última análise, o acusador é Deus, e o adversário é aquele que mantém o conceito teológico dos amigos de Jó.

Começando a narrativa num estilo faz de conta, o narrador tranqüiliza o ouvinte a aceitar a proposta de um homem completamente justo e reto. Logo trata de mostrar a incredibilidade da idéia comum da teologia vigente de bênção material. Assim chegamos a ver que tal conceito baseia-se não na justiça de Deus, mas na própria avareza humana. Um sistema retribucional reduz a fidelidade e a integridade a um egocentrismo cuidadosamente direcionado.

Qual é, então, o propósito de ser justo, reto e íntegro? Porque deveria o homem desviar-se do mal e servir a Deus em temor? Se não há uma recompensa clara para o justo, o que adianta e para que serve o esforço?

O desfecho do livro explica a razão—a grandeza e a majestade de Deus! A única razão para seguir os mandamentos e os conselhos de Deus é por causa de sua identidade e singularidade. Yahweh é digno de ser obedecido e seguido. Yahweh é digno de ser louvado e cultuado. Ser íntegro é apenas a responsabilidade do servo humano, criado por Yahweh para ser fiel um mordomo fiel. Foi o suficiente para Jó. Foi esta a razão de sua fidelidade e sua integridade de caráter. Mesmo quando não houve retribuição coerente com suas obras, Jó foi fiel e íntegro por razão da identidade de Deus.

Será que é suficiente para nós? Estamos prontos para obedecer e servir sem esperar qualquer recompensa como salário? Ou será que estamos dispostos apenas para viver uma avareza e um egocentrismo mascarado? Qual é a nossa motivação? Por quem seremos acusados—pelos amigos de Jó, ou pelo Yahweh?

4.19. Criaturas do Altíssimo (Salmo 8.1-9)

Ouve-se muito do grande amor de Deus. Será que confiamos ser verdade?

Cristo ama as criancinhas. Em toda a sua fragilidade, curiosidade, individualidade e dependência, Deus os ama. Quando nós olhamos para uma nova vida, quantas vezes pensamos de sua fragilidade e completa dependência em outros. Pensamos no contraste entre tudo aquilo que é necessário fazer em benefício deles, coisas que eles não conseguem lograr. É necessário, porém, lembrar-nos que nós também somos frágeis e dependentes—ainda que não queiramos admitir. Para melhor apreciar a nossa condição, porém, é necessário pensarmos um pouco a respeito do recém-nascido e o seu Criador. Refletindo sobre a identidade do nosso Criador, podemos melhor apreciar quem somos.

No Salmo 8 encontramos a seguinte reflexão sobre a grandeza de Yahweh, Deus de Israel, Criador do mundo. Também nessa mesma reflexão o salmista trata a condição do homem frente ao Criador.

Ó Yahweh, nosso Senhor! Quão admirável é o Teu Nome em toda a terra! Tu, que revelaste a Tua glória desde acima dos céus!

Da boca das crianças e dos que mamam Tu suctaste uma fortaleza contra Teus adversários, para calar o inimigo vingador.

Quando contemplo o firmamento, obra dos Teus dedos, a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, para que Te lembres dele? E o filho do homem para que o visites?

Contudo, pouco abaixo dos deuses o fizeste; de glória e de honra o coroaste. Deste-lhe domínio sobre as obras das Tuas mãos; Tudo puseste abaixo dos seus pés: Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo, as aves do céu, e os peixes do mar, tudo o que passa pelas veredas dos mares.

Ó Yahweh, nosso Senhor, quão admirável é o Teu nome em toda a terra!

Não há comparação entre YHWH e nenhum outro. Aquele que criou o universo, não pode ser comparado com qualquer outro, pois é infinitamente além. Olhando para a maravilha de uma nova vida, lembramos da diferença tamanha entre o que esta criança hoje é o que ela há de ser alguns anos para a frente. Essa diferença, porém, não chega a espelhar a diferença entre quem somos nós e quem é o Criador.

Entretanto, o objetivo do salmista não é apenas de apontar para a tamanha diferença entre Yahweh e o homem—Sua pequena e frágil criatura. O seu interesse é mostrar o quanto Yahweh ama à sua criatura, mesmo sendo ela pequena, frágil, e impotente. Esse amor vem expresso na posição que ao homem foi dada pelo seu Criador. Foi colocado numa posição de domínio sobre as demais criaturas, feito apenas pouco a menos da posição dos seres espirituais, sejam chamados deuses ou anjos.

O homem deveria ser insignificativo, porém o Criador o dotou do seu amor. YHWH não o ama por causa de qualquer mérito humano, nem por causa de alguma grandeza inerente ao ser humano. YHWH o ama por causa de sua benignidade e livre decisão de doar-se a outro. O ama como fruto de sua graça.

Por que razão deveria o Criador mesmo lembrar do homem? Nenhuma, a não ser por causa do seu amor. É óbvio que o homem pouco se lembra do seu Criador e até foge de um relacionamento de comunhão com Ele. Mesmo sendo assim, YHWH não apenas lembrou-se dele, o elevou a um estado de senhorio sobre o universo. Ainda mais, veio a este mundo, nascendo como ser humano para mostrar o Seu amor de uma forma incontestável.

Que é o homem? Nada, a não ser uma criatura amada por seu Criador, o qual procura oferecer-lhe tudo aquilo que precisa para viver uma vida de plena comunhão com o Criador. Aparte de YHWH, o homem é nada e nada merece ser. Por causa da benevolência de YHWH, porém, o homem é especial. É especial por causa do amor que lhe fora dado.

Se o Criador realmente há dotado o homem com um amor tão profundo e uma posição tão especial, qual deveria ser a resposta do homem? Será que realmente entendemos esse amor de YHWH? Será que estamos prontos para aceitar a responsabilidade ao qual tal amor nos chama? Por que lutamos tanto para provar que somos merecedores de algo, ao contrário do que o Salmo ensina? Não seria melhor aceitar a proposta de amor do Infinito? O que nos impede de aceitar esse tão grande amor? Qual será a nossa resposta?

4.20. Ouça o Gaúcho! (Isaías 6.8-10 e 46.8-13)

Ao iniciar o ministério de Isaías, temos o registro de sua visão de convocação no capítulo seis do livro de Isaías:

Então ouvi a voz de YHWH, dizendo, "A quem enviarei, e quem irá por nós?" E eu disse, "Aqui estou eu, envia-me" E disse, "Vá e diga a esse povo: 'Estão ouvindo, mas não comprehendem; estão olhando, mas não percebem.' A mente desse povo está grossa, e seus ouvidos estão tapados, e seus olhos estão fechados, tal que não enxergam com os olhos, nem escutam com os ouvidos, e nem comprehendem com a mente, e arrependem para serem sarados." – Isaías 6.8-10

O chamado de Deus sobre Isaías não ficou na visão descrita no capítulo seis. Deus continuou a falar ao povo através do profeta, este continuando a ser o portavoz de Deus ao transmitir também as palavras descritas no capítulo 46.

Lembrai disso e considerai, recordai à memória, vós transgressores, 9 lembrei da coisas passadas; pois Eu sou Deus, e não há outro; Eu sou Deus, e não há qualquer semelhante a mim, declarando o fim desde o princípio e de tempos antigos coisas nunca ainda feitas, dizendo, "O meu propósito prevalecerá, e eu cumprirei a minha intenção," chamando uma ave de presa desde o oriente, o homem escolhido para o meu propósito de um país distante. Eu o tenho falado, e eu o cumprirei; Eu o tenho planejado, e eu o farei. Ouve-me, vós duros de coração, os que estão longe da libertação: Eu farei chegar perto a minha libertação, não está longe, e a minha salvação não tardará; colocarei salvação em Sião, em Israel a minha glória. – Isaías 46.8-13

Quando Isaías ouviu o chamado de YHWH (hwhy), foi uma palavra conflitante. Aceitou a proposta de tornar-se o portavoz de YHWH perante um povo que não queria ouvir. De certo, esta era parte da problemática que desencadeou o chamado a Isaías. As palavras de YHWH, "A quem enviarei e quem irá por nós?", chamavam a atenção para a situação do povo que vivia muito longe do compromisso da aliança de Deus. A aliança de Deus com o povo parecia ser uma piada, pois o povo andava vagando atrás de outros deuses, sem preocupar-se em servir a Deus em fidelidade. Isaías fazia parte desse povo idólatra, e por isso exclama da pecaminosidade do povo ao seu redor.

Deus alerta Isaías da situação que enfrentará no seu ministério. O povo não queria ouvir a palavra de Deus. Tinha informações sobre a aliança, mas não se prontificava para entender as suas implicações para o seu dia-a-dia. Chamava-se povo de YHWH, mas atuava desconforme a apelação. Conhecia os fatos, mas não havia aceito a realidade da aliança com Deus. Faltava-lhe compreensão.

Deus ainda queria resgatar o povo e efetivar a aliança, mas o povo não prestava ouvidos. O portavoz de Deus enfrentaria dificuldades para transmitir as boas novas de Deus, pois o povo não comprehendia nem a sua necessidade, nem o cerne da mensagem. Pensava que havia outros meios de resolver a vida e realizar os seus objetivos. Andava atrás de outros deuses para fazer o seu próprio caminho, parecendo o Gaúcho com 60.000 centros espíritas no estado.

Foi necessário o exílio para acordar o povo à realidade de que apenas YHWH era Deus e digno de que o povo aceitasse o compromisso da aliança de Deus. Os deuses da Babilônia se mostraram impotentes, apenas cumprindo a função de servos a YHWH. Não podiam socorrer, nem chegar perto de fazer o que YHWH havia feito pelo seu povo, mas esse conceito somente foi clarificado com uma nova e dura experiência de exílio que serviu para clarificar a mensagem de Deus.

Com a mudança para o exílio na Babilônia, o povo começou a compreender e aceitar de forma digna a aliança com Deus. Começou a ter um aprêço da atuação de Deus na vida do povo, mesmo que sacados de sua terra. Começou a destapar os ouvidos e abrir os olhos para entender a salvação de YHWH, Deus de Israel. A mensagem de Deus pelo profeta foi transformada pela nova situação do povo. A mensagem não mudou em conteúdo, mas na forma de sua transmissão. Pela modificação do contexto no qual vivia, o povo começou a escutar a voz de Deus e enxergar a presença e atuação de Deus no seu meio.

No exílio o povo começou a escutar, pois a mensagem de Deus teve outra apresentação. A essência da mensagem permaneceu sempre igual, mesmo que o contexto e algo da apresentação foram modificadas.

Lá no cativeiro, YHWH visitou a seu povo através de seus profetas. Esses portavozes comunicaram a sua mensagem de forma clara e apreciável. A palavra pôde, portanto, ser aceita e compreendida. Isso por duas razões principais: o contexto do povo mudou e também a forma de apresentação.

Poderia a apresentação do evangelho de Jesus ser modificado para facilitar a sua compreensão e aceitação? No contexto vivido pelo povo gaúcho, qual é a necessidade que o leva a procurar soluções para a vida cotidiana?

Mas não foi somente no cativeiro que YHWH visitou o povo. Também criou carne e habitou no seu meio na sua própria terra. Viveu no seu contexto e apresentou o seu plano de boas novas no contexto vivido pelo povo em meio a outro exílio—exílio em sua própria

terra, sobjugada pelos romanos. Viveu no meio do povo, compartilhando do seu sofrimento, e em meio ao seu contexto vivido anunciou o evangelho do reino.

Será que nós, os portavozes atuais de Deus, poderíamos nos acercarmos mais ao povo que está à nossa volta para compreendê-lo e encontrar melhores vínculos para a sua compreensão do evangelho? Será que não é necessário hoje também alterar algo da apresentação do evangelho de Deus? Será que não é necessário viver no meio do povo para levar a esperança do evangelho de Deus em Cristo, para ser ouvido no contexto do povo?

O povo de Israel andava longe de Deus, e foi necessário levar a palavra de Deus ao seu encontro. O que será necessário fazer para que esse povo gaúcho que anda em trevas abra os olhos para poder enxergar o evangelho em sua relevância? O que precisaremos fazer para transformar o nosso contexto de Isaías 6 para o de Isaías 46?

O evangelho contém esperança, mas apenas para aquele que escuta. Estamos sendo ouvidos? Pregamos o evangelho nos templos de nossas igrejas, mas dez milhões de gaúchos nunca entram em nossos templos. Como escutarão?

"A quem enviarei, e quem irá por nós?" E eu disse, aqui estou eu, envia-me. E tu?

4.21. A Missão dos Lavradores (Êxodo 19.3-8/Mateus 21.33-46)

Deus tem planos para o ser humano. Será que entendemos a nossa responsabilidade perante os seus planos e oferta de graça?

Quando Jesus apareceu um Jerusalém na última semana de seu ministério na terra, veio clamando para que o povo de Israel voltasse à sua primeira obrigação—a de ser o povo especial de Deus em missão a chamar os povos para YHWH. Desde a promessa de YHWH a Abraão Deus vinha chamando o povo a reconciliar o mundo com YHWH, Criador do universo. Ao dar os dez mandamento a Moisés, YHWH reafirmou esse propósito do povo tomar para si a missão de trazer os povos perante YHWH, o único Deus.

"...Assim falarás à casa de Jacó, a anunciarás aos filhos de Israel: Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora, pois, se atentamente guardardes o meu pato, então sereis a minha possessão peculiar dentre todos os povos, porque minha é toda a terra; e vós sereis para mim reino sacerdotal e nação santa. São estas palavras que falarás aos filhos de Israel. ...Moisés ... expôs diante deles todas estas palavras, que YHWH lhe tinha ordenado. Ao que todo o povo respondeu a uma voz: Tudo o que YHWH tem falado, faremos...." (Êxodo 19.3-8).

Aceitaram a proposta de serem como povo sacerdotes de YHWH, mediando a presença do único Deus perante todos os povos da terra. Aceitaram o compromisso para trazer todos os povos ao pés de YHWH. Aceitaram o compromisso de serem um povo missionário que chamaria todo o mundo de volta ao Criador. Os profetas tinham que estar sempre lembrando o povo deste compromisso, pois o povo não lembrava do seu compromisso. Envolvia-se com muitas coisas, incluindo o prazer de ser o povo escolhido por YHWH, esquecendo do propósito do seu privilégio.

Jesus, porém, levou a mensagem dos profetas um passo adiante do que era costumeiro fazer. Especialmente naquela última semana de ensino Jesus lembrou ao povo que o chamado de Deus sobre eles era condicional. Eles seriam o povo escolhido somente enquanto atuassem como o povo missionário que haviam sido convocados a ser. Dentre uma série de parábolas sobre a temática, Jesus referiu a parábola dos lavradores maus. Os fariseus entenderam que esta parábola fora referida sobre eles, porém a suas implicações vão além dos fariseus e os principais sacerdotes daquele dia. Era um chamado para o arrependimento de todo o povo de Deus daquele dia e também deste.

A figueira estava infrutífera, e o povo também. Alguns diziam que não era a estação apropriada para figos, porém Jesus esperava colher fruto da figueira de qualquer jeito. Para Jesus, estação própria não era desculpa.

Apegavam-se às suas tradições interpretativas e negavam a atuação de YHWH no seu meio. Envolviam-se em suas atividades eclesiásticas e esqueciam de levar a mensagem de

Deus ao mundo ao seu redor. O dia-a-dia ocupava o seu tempo e não encontravam como encaixar a missão de YHWH em suas vidas. De qualquer forma era mais seguro ficar na rotina do que ter que sair do conforto e depender de Deus.

De certo, as tradições dos seus anciãos amenizavam o rigor da lei dada por Moisés. Em muitos casos essas tradições procuravam apenas dar um jeitinho bem judaico para contornar as leis como otorgadas. Enquanto invalidavam as instruções do próprio YHWH, ignoravam também as suas responsabilidades para com os demais do povo e para com os povos ao redor. E a figueira permanecia infrutífera.

Mas nem era época de figos! Porque Jesus amaldiçoou a figueira? Não era culpa dela! Jesus não deveria ter esperado encontrar figos, pois era a estação errada! Não faz nenhum sentido procurar figos na época errada! O Senhor reclama, porém, que não há estação própria para o povo dar o seu fruto devido. A hora da colheita é já! Havia tempo que a figueira permanecia sem fruto. Já havia passado o tempo de colher, e não havia nada, senão apenas folhas! Tal figueira não presta a não ser como lenha para o fogo. O povo não estava produzindo o fruto devido.

E nós? Será que estamos nós também infrutíferos? Ou será que estamos rendendo o fruto devido. Será que reclamamos ser esta a estação errada para produzir fruto? Qual é a nossa desculpa? Será que não estamos ocupados demais com coisas boas que não produzem o fruto devido? Estamos lembrados do nosso compromisso? Será que prestamos para algo mais do que lenha?

4.22. “Que Queres Que Eu Te Faça?” (Marcos 10.35-52)

De vez em quando, chegamos a Deus com o pedido errado. Nesses casos, será que não são as nossas atitudes que precisam de modificação?

Até no final do ministério de Jesus, os seus discípulos tinham muito a aprender. Vinham ouvindo Jesus ensinar, mas leva tempo para realmente compreender coisas novas. Jesus os ensinava de muitas maneiras. Em certa ocasião tiveram mesmo que aprender a lição de Jesus com um mendigo cego.

Jesus e seus discípulos estavam caminhando para fora de Jericó quando um mendigo começou a aprontar uma cena. Havia uma multidão ao redor, e este cego percebeu que Jesus estava passando por perto. Provavelmente havia ouvido falar de que Jesus havia curado um cego em outra cidade. Teria sonhado de ter a bênção de um encontro com Jesus, sonho alucinante. Percebia que a sua única oportunidade de obter uma nova chance na vida encontrava-se em Jesus. Ninguém jamais havia curado um cego até Jesus entrar na cena. Era a sua única chance.

Percebendo que Jesus vinha pelo caminho, começou a berrar. “Jesus, Filho de Davi! Tenha misericórdia de mim!”. O povo indignou-se com o alvoroço do mendigo e mandou que se calasse. Afinal, a sua cegueira era comprovação para eles que sofria o castigo de Deus a causa de algum pecado, ou seu ou dos seus pais. A sua condição era, portanto, justa e merecida. Ele berrava e a multidão o repreendia. Berrava ainda mais. Logo tudo mudou.

Jesus ouviu os berros do cego e mandou que o chamasse. Este jogou para o lado a sua capa e apressou-se para ter com Jesus. A multidão, agora ajudando-o, o incentivava. Chegando para Jesus, Jesus lhe perguntou “Que queres que eu te faça?”.

Que pergunta boba! Que outra coisa pediria um cego, senão a oportunidade de ver? Será que Jesus era cego também? Será que não sabia distinguir um cego? Se nem ao menos reconhecia a sua cegueira, como poderia curá-lo?

Pego de surpresa, o cego respondeu, “Mestre?! Que eu veja!”. “Vai, a tua fé te salvou”. Às vezes, as perguntas de Jesus são cruciais para entender uma passagem. Às vezes, deveríamos questionar mais as narrativas de Jesus, em vez de passar por cima de algum detalhe que parece estranho.

Porque será que Jesus teve de perguntar ao cego o que ele queria? Será que não sabia que o cego queria ver? Para entender a passagem, é necessário olhar um pouco do contexto. Como normal nos evangelhos, a atenção do narrador não está voltado para este cego que recebeu vista, nem ao fato de que Jesus pôde curá-lo. A atenção do narrador concentra-se na interação entre Jesus e os seus discípulos. É nesta interação que se comprehende aquilo que Jesus estava tentando ensinar a respeito do Reino.

Os discípulos vinham seguindo Jesus, ouvindo as suas palavras e vendo os seus feitos milagrosos, porém não quer dizer que compreendiam a mensagem do Mestre. Na maioria dos casos, um aprendizado real leva tempo para integrar aquilo que se ouve, como também era o caso dos discípulos.

Na passagem imediatamente anterior ao relato de Bartimeu, dois discípulos chegam a fazer um pedido para Jesus. Nesse relato encontramos Jesus fazendo a mesma pergunta que fez a Bartimeu, porém a resposta dos discípulos é diferente.

Estes dois irmãos chegaram a Jesus e disseram, "Mestre, diga sim!". Quantas vezes já ouvimos crianças fazerem o mesmo tipo de pedido! Do mesmo modo que um pai questiona a intenção da criança, Jesus questiona a intenção dos discípulos. "Que queres que eu te faça?" Estavam fazendo o pedido errado. Queriam ser os mais importantes no Reino, mas não haviam ainda compreendido o que o Reino era. Não entendiam o que deveriam pedir de Jesus. Foi necessário que aprendessem com um mendigo.

Se olharmos mais para trás, no capítulo oito de Marcos, encontramos outra circunstância em que Jesus cura um cego. Também nesse caso acontece algo estranho no lidar de Jesus no ato de curá-lo. Pelo menos desta vez Jesus percebeu que o homem era cego! O problema era que teve aparentemente que ensaiar a cura! Tentou e não conseguiu bem, então tentou de novo. Ou será que não fez exatamente o que queria fazer?

Os discípulos estavam confiando na sua perspectiva da realidade, mas não percebiam o que Deus queria que vissem. Para ajudá-los a compreender o que estava querendo transmitir, Jesus curou o cego em duas etapas. Queria que notassem que ver as coisas de perspectiva humana e divina eram bem diferentes. Sabiam que Jesus era o Cristo, mas não tinham a mínima de uma idéia do que isto significava. Tinham olhos, mas não viam. Tinham ouvidos, mas não ouviam. Eram cegos, porém não percebiam a sua própria cegueira.

Jesus começou a ensiná-los a respeito da diferença entre as suas expectativas do Reino e a realidade do Reino. Ainda assim não enxergavam a realidade. Em lugar de pedir ajuda na compreensão, insistiram na sua perspectiva falha. Um mendigo cego ensinou a pergunta certa. Proferiu o pedido que os próprios discípulos não sabiam fazer—"Mestre! Que eu veja!".

É bem fácil criticar os discípulos pela sua falta de visão, porém somos tentados a cair nas mesmas limitações e nos mesmos problemas. Como eles, queremos que Deus faça conforme nós enxergamos e queremos quando a perspectiva do Criador nos dirige noutra direção. Pedimos erradamente, pois não enxergamos adequadamente. Precisamos aprender a pedir como Bartimeu. Precisamos pedir de Deus uma nova perspectiva. Precisamos alinhar as nossas vidas conforme a orientação do Criador, não querer alinhar o Criador dentro dos nossos moldes!

"Mestre, Que eu Veja!". Que eu veja a vida como Tu a vês. Que eu veja esta cidade conforme a tua vontade. Que eu possa enxergar a Tua vontade e o Teu propósito. "Mestre, que eu veja como tu queres!"

Dá-me Tua visão, Senhor, ... (Hinário Para o Culto Cristão, 564).

4.23. A Páscoa da Traição (Marcos 14-16)

Gostamos muito de apontar o dedo a certas pessoas como Judas Iscariote para sentirmos melhor sobre nós mesmos. Será que somos tão bons assim e ilegos de condenação?

A celebração da páscoa dos judeus era uma festa de muita alegria, mas para Jesus seria o início de sua traição. Jesus estava para celebrar a páscoa com os seus discípulos, seguindo o costume entre os judeus para um rabino celebrar as festas religiosas com os seus discípulos. Sua celebração foi um tanto diferente, porém, pois em meio aos preparativos para esta festa celebrante, Jesus anunciou a sua traição.

Jesus já havia anunciado a sua morte em várias ocasiões, porém naquela noite anunciou também a sua traição. Os discípulos ainda não estavam preparados para aceitar a sua morte como algo real e necessário, mas traição era um assunto novo e inconsiderável. Não era cabível para eles compreenderem a possibilidade de traição. Havia se reunidos para celebrar uma festa especial de libertação da escravidão e nova vida na promessa de YHWH, e Jesus anunciou algo inesperado.

Em resposta, começaram um por um a perguntar quem deles seria capaz de trai-lo. Parece-nos um tanto estranho que teriam de perguntar, pois de nossa perspectiva é fácil apontar o dedo a Judas. Olhando porém o resto da narrativa, dá-se a entender que a traição indicada ia além da ação de Judas. Por outro lado, muitos pensam que Judas não teve realmente a intenção de trair, senão de apressar Jesus em estabelecer o seu Reino em Israel. Não podemos identificar com precisão as intenções de Judas, porém o mais importante da traição também não concerne a esse discípulo. Traição não concerne tanto a Judas, mas Jesus larga o tema um pouco, repetindo a necessidade dele chegar até a cruz.

Jesus abriu o tema de traição com os seus discípulos no versículo 18 do capítulo 14. No relato de Marcos parece haver uma pausa no tema, mas logo Jesus o retoma no versículo 27, agora ampliando o sentido da traição. Primeiro era um dos discípulos que traíria. Agora diz que os doze o deixariam. Olhando bem, este aviso de Jesus concerne apenas outra forma de traição. Todos o abandonariam na hora de sua prisão e morte. Todos os doze o traíram. Mesmo assim, Jesus mantinha a sua vida direcionada à cruz.

Pedro relutou contra essa afirmação de Jesus. Tudo bem que um deles o traíria. Não era isso aceitável, mas todos não! Pedro especialmente nunca o deixaria! Jesus olha para Pedro, no entanto, e diz que Pedro não apenas o abandonaria, mas ainda o negaria também! Jesus seria traído, abandonado, e também negado! Os discípulos não conseguiam aceitar tais palavras de Jesus. Confiavam demais na sua própria fidelidade e firmeza, igualmente em sua perspectiva dos eventos do futuro.

Jesus não deu muita atenção ao clamor, mas os levou a orar. Não conseguiram nem acompanhá-lo na oração, poderiam resistir quando chegasse a hora do conflito?

Logo Jesus foi traído. Um dos discípulos até reagiu com uma espada, mas sendo Jesus preso eles logo fugiram. Um deles seguiu um certo tempo até tentarem agarrá-lo e então abandonou Jesus às pressas. Pedro chegou a entrar no pátio da casa do sumo sacerdote, ali para negá-lo não uma, mas três vezes.

Algumas mulheres até assistiram a crucificação à alguma distância. Os doze discípulos não foram fiéis, mas pelo menos essas mulheres não o abandonaram! Quando Jesus morreu, elas observaram o local do sepultamento e até foram domingo de madrugada para atender o corpo de Jesus com os preparativos para ungir o seu corpo. Logo, porém, elas também caíram na traição. Um jovem apareceu para contar-lhes a notícia da ressurreição e elas fugiram sem dizer nada a ninguém.

Jesus foi traído. Jesus foi negado, abandonado e ignorado. A maior prova de sua mensagem foi negligenciada por medo e temor. Veio para dar notícia de nova vida no amor de Deus e todos os seus o rejeitaram, negaram, traíram e abandonaram. Traidores! Como poderiam eles fazerem tal coisa?! Traíram o Salvador que deu a sua própria vida por eles!

Por acaso, não somos nós também traidores? Não somos nós aqueles que deixam de compartilhar a notícia de que Cristo vive e ofereceu nova vida a todos? Não somos nós que o negamos ao não testemunhar em situações que se nos apresentam como sendo um pouco constrangedores? Será que somos nós diferentes nos mínimos detalhes?

Há outro lado da história. Jesus sabia que todos o traíram, seja como Judas, seja como o abandono da parte dos discípulos, seja como o negar de Pedro, seja como o temor

das mulheres que desobedeceram e fugiram de sua responsabilidade. Ainda assim, direcionou-se para entregar a sua vida para dar a todos uma nova chance. Jesus avisou aos discípulos de antemão que eles não seriam fiéis. Avisou, pois queria que compreendessem que não dependia de sua fidelidade. Avisou para que compreendessem que já estavam perdoados de antemão! Avisou para que logo voltassem e viessem a ser novamente discípulos fiéis, dependendo devidamente do seu Senhor.

Quem sabe nós precisamos lembrar desta mesma lição. Jesus conhece as nossas falhas. Ele até poderia nos avisar delas de antemão. Também nos perdoa e está pronto para reconciliar-nos e utilizar-nos como se não houvessem acontecido. Cristo sabe das nossas falhas, mas nos ama assim mesmo. Ele perdoa, ele restaura. O encargo para as mulheres incluía a restauração dos discípulos, mesmo de Pedro que o negou três vezes—especialmente a Pedro!

A nossa traição não é coisa boa, mas Cristo nos restaura e nos dá outra chance. É uma chance para começarmos de novo. É uma chance para deixar que Deus faça de nós discípulos dignos do nome de Jesus Cristo! Estamos prontos para sermos restaurados?

Ajude-nos a compreender o teu amor e o teu perdão, para que sejamos os discípulos que nos hás convocado a ser!

4.24. Compartilhando Esperança (1^a Pedro)

Observação. Neste exemplo de narrativa, o texto à mão não é uma narrativa. Procura-se aqui resgatar a narrativa por detrás do texto no evento de sua composição. O contexto histórico e social ajuda no desenvolvimento do evento do texto que forma a base para narrar o texto.

Sendo que Pedro não era um homem estudado, ele não falava grego, mas aramaico e possivelmente hebraico. Já esta epístola com o seu nome foi escrita em grego, sendo ela uma tradução da mensagem que Pedro tinha para compartilhar com os cristãos judeus dispersos pelo Império Romano, essencialmente os da região conhecida hoje como Ásia Menor. Por ser uma tradução ao grego, o estilo e a gramática da carta são um tanto mais difíceis para serem decifradas, mesmo antes de passar o texto ao português. Como sempre, porém, uma perspectiva do contexto abrangente da carta ajuda a melhor compreendermos as implicações das passagens individuais da carta. Segundo padrão dos livros da Bíblia, esta carta tem um tema central, para o qual cada passagem contribui: "estai preparados para responder ... a todos que perguntarem a razão da esperança em vós."

Pedro escrevia para cristãos que viviam uma época de perseguição. Eram judeus forasteiros, porém não eram aceitos entre os próprios círculos dos judeus por causa de Jesus. Para os gentios, eles eram judeus, mas os judeus os rejeitavam como uma seita fanática e perversa. Perseguidos pelos próprios judeus, vivendo como forasteiros noutra província romana, eles enfrentavam dificuldades especiais em vivenciar o Reinar de Deus no seu dia-a-dia. A vida estava difícil, então Pedro os lembra da esperança que os unia, pois "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo ... nos regenerou para uma viva esperança—uma herança incorruptível, incontaminável, e imarcescível, reservada nos celestiais".

Esta esperança é o que fazia a diferença—esperança de resgate, esperança de salvação, esperança de que as coisas não são como parecem ser. Esta esperança é o que faz a diferença. A fé é um relacionamento de esperança e confiança naquele que é fiel. É confiar que o evangelho é realmente boa nova, real, válido, e precioso. Os cristãos precisavam ser lembrados de sua esperança, pois era o seu destaque.

A mensagem de Cristo era algo que os próprios profetas, os meros portavozes de Deus, não haviam compreendido! Eles haviam procurado conhecer o plano de Deus, porém estes próprios mensageiros (o termo traduzido por anjo é a palavra grega para mensageiro, seja humano ou não) não haviam compreendido a mensagem que proferiram. Deus planejava fazer algo novo e diferente que não podia ser apreciado de antemão. Era uma nova esperança que não podia ser antecipado, mesmo pelos próprios portavozes de Deus.

A mensagem, porém, era de salvação, visando a santificação do cristão—Deus habitando diretamente com o homem em plena comunhão. Pedro lembra aos cristãos não apenas de sua esperança, mas também do seu fruto devido—uma vida santificada ao Criador, segundo a perspectiva daquele que já comprehende o futuro, e conhece as limitações da perspectiva humana. O cristão deve ver e viver segundo a perspectiva divina de que as coisas deste mundo são passageiras e a orientação do evangelho nos eleva para viver outro padrão de vida—a que perdura pelas eternidades.

Vivendo a santificação, então, os cristãos deveriam de revelar a realidade do evangelho na submissão às autoridades, no serviço aos patrões, no relacionamento conjugal, e no procedimento entre os próprios cristãos. Vivendo esta santificação, estariam vivenciando a esperança inerente ao evangelho—viveriam como livres, mesmo se escravos; como cidadãos, mesmo se forasteiros; como resgatados, mesmo se perseguidos; como pacientes, mesmo se aflitos; como amados, mesmo se injuriados; esperançosos, mesmo se afligidos. Vivenciariam em suas próprias vidas a esperança refletida por Jesus Cristo.

Era assim que Pedro queria que os cristãos compartilhassem a sua esperança. Deveriam de viver de tal forma que as suas vidas refletissem a esperança que tinham. A vida podia ser difícil, mas a dificuldade era apenas um pretexto para testemunhar da realidade do evangelho. Essa realidade deveria de dar um novo sentido a todo aspecto da vida do cristão. Deveria fazer o seu cotidiano tal que as pessoas lhe perguntassem o que lhe dava esperança quando a vida era tão difícil. A dificuldade devia ser vista como uma oportunidade de depender em Deus.

A fé real não depende das circunstâncias da vida. A fé real leva o cristão não a uma vida sem dificuldades, mas a refletir esperança em meio ao caos do cotidiano. A fé real muda o comportamento do cristão para que aqueles ao seu redor procurem saber a causa dele ser diferente. A fé real compartilha a sua própria esperança com os demais, para que todos saibam a razão de sua existência.

Pedro queria lembrar aos cristãos da dispersão da sua responsabilidade individual e coletiva para viverem abertamente a esperança do evangelho. Queria lembrá-los para estarem sempre prontos para compartilhar a sua esperança de fé com os demais. Se eles vivessem a realidade dessa fé na sua vida cotidiana, outros perguntariam. Se vivessem sua esperança, outros veriam as suas próprias necessidades de terem esperança igual.

A situação do crente atual não é muito diferente. Existem dificuldades em nossas vidas. Existem barreiras muitas razões para esquecermos da esperança que temos. Deus, porém, vem a lembrar-nos da esperança que temos em Cristo Jesus. Cristo já triunfou sobre o pecado, a morte, e toda e qualquer agência maligna. Temos uma esperança verdadeira e real!

Como viveremos, então para espelhar a nossa esperança? Como mostraremos ao mundo que temos uma razão para existir que nos leva além das circunstâncias problemáticas passageiras deste mundo? Como anunciarímos que temos esperança real em meio às situações de caos? Como viveremos para que os demais nos venham a perguntar da razão da nossa esperança? O que faremos para estarmos prontos para dar resposta?

O evangelho é realmente uma boa nova de esperança. Cristo nos convoca a participar do ministério da reconciliação do mundo para com Deus. Temos a incumbência de levarmos a sua mensagem de amor e graça ao mundo que tanto precisa ouvir. Se cada membro desta igreja trouxesse uma pessoa a Cristo por ano, ensinado esses a fazerem igual, Uruguiana seria ganho para Cristo em apenas onze anos! O problema é que somos infieis!

Será que temos a esperança da qual Pedro fala? Será que cremos que Deus realmente tem as respostas para as nossas vidas? Será que realmente temos convicção do amor de Cristo? O que diria Pedro para nós? Como seria a sua carta se dirigida diretamente a esta igreja? Será que a mensagem mudaria muito? Estaríamos prontos para ouvir?

Vamos compartilhar esperança. O mundo está precisando.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARBOSA, Inês Barbosa de (ORG). Narrativas – Outros Conhecimentos, Outras Formas de Expressão. Rio de Janeiro: DP et Alii Editora, 2010.